



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE VIANA DO CASTELO

---

# RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado em Ensino 1º e 2º CEB  
- Português e História e Geografia de Portugal

**Pobreza e desigualdades como violação de direitos humanos:  
Perceção de crianças do 6º ano de escolaridade**

Mariana da Silva Cerqueira





INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE VIANA DO CASTELO

Mariana da Silva Cerqueira

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA  
DE ENSINO SUPERVISIONADA**  
Mestrado em Ensino 1º e 2º CEB  
- Português e História e Geografia de Portugal

Pobreza e desigualdade como violação de direitos humanos:  
Perceção de crianças do 6º ano de escolaridade

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)  
Doutora Gabriela Barbosa e Doutora Maria de La Salette Coelho

Julho de 2022



## **Agradecimentos**

Findando assim a etapa final deste percurso da minha vida académica, é importante agradecer a todos aqueles que sempre estiveram presentes e que contribuíram para que estes cinco anos fossem os melhores e mais memoráveis da minha vida.

Primeiramente, quero agradecer à minha orientadora e coordenadora do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e 2.º Ciclo de Português e Geografia de Portugal do Ensino Básico, Professora Doutora Gabriela Barbosa pelo apoio, acompanhamento e disponibilidade demonstrado ao longo da elaboração do presente relatório. Agradecer também à Professora Doutora La Saete Coelho por todo o apoio e ajuda prestada para a realização deste estudo.

Agradeço também ao Professor Doutor Gonçalo Marques, que me acompanhou ao longo destes dois anos um excelente docente e exemplo a seguir, por se preocupar, pelo apoio e pelas palavras de incentivo.

Agradecer também a todos os restantes docentes que fizeram parte deste percurso académico e que contribuíram com o seu conhecimento para a futura profissional em que me irei tornar.

Não deixar de agradecer aos não docentes desta academia que estavam sempre lá para nós. Obrigada pelo apoio e paciência.

Aos meus pais e irmão por nunca terem desistido de mim, por me deixarem seguir os meus sonhos, por me apoiarem, por acreditarem que seria capaz e por nunca terem duvidado de mim. Tudo o que sou hoje devo a eles, nada seria possível sem o seu apoio e dedicação.

Agradecer aos meus familiares, por estarem sempre lá para mim, sempre com uma palavra de carinho e incentivo.

À minha colega de estágio, Patrícia, que esteve sempre presente ao longo destes cinco anos e ainda mais nestes dois últimos anos. Juntas ultrapassamos todas as

adversidades que foram surgindo ao longo deste percurso e sempre nos apoiamos mutuamente nos momentos mais difíceis.

Às minhas amigas de Monção, por estarem sempre presentes e pelas conversas pelos desabaços pelas palavras de apoio.

Agradecer a todas as amizades que fui construindo ao longo destes cinco anos. Amigos dos vários polos deste Instituto Politécnico, amigos esses que foram essenciais durante estes anos e que posso contar para tudo, com certeza que os levarei para a vida. Obrigada por todos os momentos partilhados e por todas as memórias.

Não posso deixar de agradecer à melhor amiga que poderia ter, Liliana Francisco que esteve comigo desde o primeiro dia desta aventura, a que esteve sempre lá nos melhores e nos piores momentos, que sempre acreditou em mim. Obrigada pelas viagens até Viana, pelas conversas e desabaços, pelos sorrisos, pelas aventuras, por tudo. Sem ela nada seria igual.

Assim, agradeço a todos aqueles que fizeram parte do meu percurso académico.



## Resumo

O presente relatório foi desenvolvido no âmbito da área curricular de Prática de Ensino supervisionado, integrado no Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, descreve-se o percurso pedagógico desenvolvido no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada no ano letivo de 2021/2022; apresenta-se o estudo de investigação desenvolvido; e faz-se uma reflexão global sobre todo o percurso desenvolvido. O estudo que intitulamos - Pobreza e desigualdades coo violação de direitos humanos - Perceção de crianças do 6.º ano de escolaridade – teve como principal objetivo perceber o que as crianças pensam quando se fala de pobreza e consciencializá-los de que podem ajudar e fazer a diferença na nossa sociedade. Deste modo, definiram-se três questões de investigação sendo estas: i): Qual é a perceção de crianças do 6º ano relativamente à pobreza e desigualdades? ii):Quais as consequências da pobreza e das desigualdades? iii):Quais as formas de lutar contra a pobreza e as desigualdades? Todas as atividades propostas durante o estudo, tinham o propósito de responder às questões referidas anteriormente, tendo em conta o carácter qualitativo.

O trabalho seguiu uma metodologia de investigação qualitativa de proximidade com os participantes, usando como instrumentos de recolha de dados o questionário, a observação direta, os documentos produzidos pelos alunos e material audiovisual. Após a análise dos dados recolhidos , concluiu-se os alunos apresentam diferentes conceções sobre os conceitos trabalhados, algumas das quais muito próximas das realidades e experiências de vida de cada um, outras mais desenvolvida. Percebeu-se que a intervenção realizada com a turma permitiu aos alunos pensar, pesquisar, discutir e compreender melhor conceitos de pobreza, desigualdade, e situá-los no quadro do respeito pelos direitos humanos e da intervenção que cada um pode fazer para tornar o mundo um lugar mais humano e de paz.

**Palavras-chave:** Direitos Humanos, Educação Cidadania Global, Pobreza, Desigualdades.







## Abstract

This report was developed within the scope of the curricular area of Supervised Teaching Practice, integrated in the Master's in Teaching of the 1st Cycle of Basic Education and Portuguese and History and Geography of Portugal in the 2nd Cycle of Basic Education, it is described the pedagogical path developed within the scope of the Supervised Teaching Practice in the academic year 2021/2022; the research study developed is presented; and a global reflection is made on the entire course developed.

The study we entitled - Poverty and inequalities as a violation of human rights - Perception of children in the 6th year of schooling - had as main objective to understand what children think when talking about poverty and to make them aware that they can help and do difference in our society.

Thus, three research questions were defined, namely: i): What is the perception of 6th grade children regarding poverty and inequalities? ii): What are the consequences of poverty and inequality? iii): What are the ways to fight against poverty and inequality? All activities proposed during the study were intended to answer the questions mentioned above, taking into account the qualitative character.

The work followed a qualitative research methodology of proximity to the participants, using the questionnaire, direct observation, documents produced by students and audiovisual material as data collection instruments. After analyzing the collected data, it was concluded that the students present different conceptions about the concepts worked, some of which are very close to the realities and life experiences of each one, others more developed. It was noticed that the intervention carried out with the class allowed students to think, research, discuss and better understand concepts of poverty, inequality, and place them in the context of respect for human rights and the intervention that each one can make to make the world a more humane and peaceful place.

**Keywords:** Human Rights Education, Global Citizenship, Poverty, Inequalities.



# Índice

Agradecimentos.....	5
Resumo .....	8
Abstract.....	11
Índice de Figuras .....	16
Siglas .....	18
Introdução .....	19
Parte I Enquadramento da PES .....	21
<b>CAPÍTULO I-Intervenção em contexto educativo: 1º Ciclo do Ensino Básico .....</b>	<b>21</b>
<b>Caracterização do contexto educativo .....</b>	<b>22</b>
1.1. Caracterização do contexto.....	22
1.2. Meio local .....	22
1.3. Agrupamento e Escola.....	23
1.4. Turma .....	24
1.5. Percurso da intervenção educativa: 4º ano de escolaridade.....	26
1.6. Português.....	27
1.7. Matemática.....	30
1.8. Estudo do Meio.....	31
1.9. Expressão Físico-Motora/ Expressão Artística e Musical.....	33
<b>Capítulo II- – Intervenção em contexto educativo II - 2º Ciclo do Ensino Básico.....</b>	<b>35</b>
<b>Intervenção em contexto educativo:.....</b>	<b>36</b>
2.1. Caracterização do contexto.....	36
2.2. Meio local .....	36
2.3. Agrupamento e Escola.....	37
2.4 Turma .....	37
2.5. Percurso da intervenção educativa: 5º ano e 6º ano de escolaridade .....	39
2.6. Português.....	40
<b>Envolvimento na Comunidade Educativa .....</b>	<b>43</b>
<b>Em síntese.....</b>	<b>45</b>
<b>Parte II Trabalho de Investigação .....</b>	<b>47</b>
<b>Capítulo I .....</b>	<b>47</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>48</b>
1.1 Caracterização do estudo .....	48
1.1.1. Pertinência do problema.....	49
1.1.2. Questões de investigação .....	50
1.1.3. Objetivos de investigação .....	51

1.2 Motivação .....	51
<b>CAPÍTULO II-Fundamentação teórica.....</b>	<b>53</b>
<b>2 . Enquadramento Internacional.....</b>	<b>57</b>
<b>2.1. Objetivos de desenvolvimento sustentável .....</b>	<b>57</b>
<b>2.2 Cidadania Global.....</b>	<b>59</b>
<b>3. Enquadramento Nacional.....</b>	<b>61</b>
<b>3.1. O papel da Cidadania nas últimas reformas educativas em Portugal .....</b>	<b>61</b>
<b>4.1 Direitos Humanos .....</b>	<b>64</b>
<b>Capítulo III - Metodologia de Investigação .....</b>	<b>67</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>68</b>
<b>3.1. Opções metodológicas .....</b>	<b>68</b>
<b>3.2. Descrição do estudo .....</b>	<b>70</b>
<b>3.3. Caracterização dos participantes .....</b>	<b>72</b>
<b>3.4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados .....</b>	<b>72</b>
<b>Análise de documentos produzidos pelos alunos .....</b>	<b>73</b>
<b>Observação .....</b>	<b>73</b>
<b>Questionário .....</b>	<b>74</b>
<b>3.4.1 Procedimentos de análise de dados .....</b>	<b>74</b>
<b>Em síntese.....</b>	<b>75</b>
<b>Capítulo IV- Apresentação e discussão dos resultados.....</b>	<b>76</b>
<b>Análise dos Dados.....</b>	<b>77</b>
<b>Tarefa 1- Carta para um amigo .....</b>	<b>77</b>
<b>Tarefa 2- Jogo “Dá um passo em frente” .....</b>	<b>84</b>
<b>Tarefas 3/4- Trabalho de Pesquisa.....</b>	<b>86</b>
<b>Tarefa 7- Apresentação dos trabalhos .....</b>	<b>87</b>
<b>Tarefa 5- Palestra por um membro do grupo local da Amnistia Internacional .....</b>	<b>89</b>
<b>Tarefa 6- Questionário sobre Palestra do membro da Amnistia .....</b>	<b>90</b>
<b>Tarefa 8- Reescrever a carta inicial .....</b>	<b>92</b>
<b>Em síntese.....</b>	<b>97</b>
<b>Capítulo V – Conclusões .....</b>	<b>99</b>
<b>5.1. Conclusões do estudo.....</b>	<b>100</b>
<b>5.2. Limitações do estudo.....</b>	<b>102</b>
<b>5.3. Considerações finais .....</b>	<b>102</b>
<b>5.4. Sugestões para investigação futura .....</b>	<b>104</b>
<b>Parte III – Reflexão Global da Prática de Ensino Supervisionado.....</b>	<b>105</b>

<b>Reflexão Global da PES</b> .....	106
Finaliza assim mais uma etapa da nossa vida enquanto estudante, assim nesta secção do relatório irei refletir sobre tudo aquilo que envolveu este último ano académico e o que foi mais importante ao longo destes meses de trabalho, o que nos ajudou a crescer enquanto alunos e futuros professores, a Prática de Ensino Supervisionada. ....	106
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	110
<b>Anexos</b> .....	115
<b>Anexo 1</b> -Modelo de Planificação Português.....	117
<b>Anexo 2</b> - Anexos do modelo de planificação de Português .....	120
<b>Anexo 3</b> -Modelo de Planificação História e Geografia de Portugal.....	121
<b>Anexo 4</b> - Anexos do modelo de planificação de História e Geografia de Portugal .....	124
<b>Anexo 5</b> - Guiões trabalho de grupo.....	131
<b>Anexo 6</b> - Questionário Palestra .....	135

## Índice de Figuras

Figura 1-Atividade Nomes Coletivos .....	29
Figura 2-Atividade exterior dos ângulos .....	30
Figura 3- Maquete Pele .....	32
Figura 4- Primeiros povos.....	32
Figura 5- Projeto Património Local.....	33
Figura 6-Maria Castanha .....	34
Figura 7- Atividades de Natal .....	34
Figura 9- Objetivos de Desenvolvimento Sustentável .....	58
Figura 12- Excertos da apresentação do grupo I.....	88
Figura 13- Notícias recolhidas pelo grupo, para responder à questão .....	88



## Índice de Tabelas

Tabela 1-Razões pelas quais ficou pobre .....	80
Tabela 2- Condições de vida.....	80
Tabela 3-Rotina .....	81
Tabela 4-Experiências do dia-a-dia .....	81
Tabela 5-Dificuldades .....	82
Tabela 6-Relação com as outras pessoas.....	82
Tabela 7- Sentimentos .....	83
Tabela 8 - O que é ser pobre .....	83
Tabela 9- Excertos de respostas.....	91
Tabela 10- Razões pelo qual ficou pobre, carta inicial e final .....	92
Tabela 11 - Rotina, carta inicial e final .....	93
Tabela 12-Experiências do dia-a-dia, carta inicial e final .....	93
Tabela 13-Dificuldades, carta inicial e final.....	94
Tabela 14-As suas condições de vida, carta inicial e final .....	94
Tabela 15-Relação com as outras pessoas, carta inicial e final.....	95
Tabela 16-Sentimentos, Carta inicial e final.....	96
Tabela 17-O que é ser pobre, carta inicial e final.....	96

## **Siglas**

**PES-** Prática de Ensino Supervisionado

**CEB-** Ciclo de Ensino Básico

**NEE-** Necessidades Educativa Especiais

**PE-** Professoras Estagiárias

**ODS-** Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

**ECG-** Educar para a Cidadania Global

**ODM-** Objetivos de Desenvolvimento do Milénio

**DH-** Direitos Humanos

**ENED-** Estratégia Nacional para o Desenvolvimento

## Introdução

O presente relatório foi desenvolvido no Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico(CEB) e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, nomeadamente na unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionado (PES).

Este dividiu-se em duas partes, uma primeira referente ao 1.º ciclo , numa turma do 4.º ano de escolaridade. A segunda parte, relativa ao 2.º ciclo, numa turma do 5.º ano de escolaridade, onde foi lecionado a unidade curricular de História e Geografia de Portugal, e uma do 6.º ano, na qual se foram lecionadas as áreas de Português e Cidadania e Desenvolvimento, sendo que esta foi a turma na qual se desenvolveu o presente estudo.

O relatório encontra-se dividido em três partes. A primeira parte diz respeito ao enquadramento da PES, onde se encontra uma caracterização, tanto do contexto do 1.º CEB, como do 2.º CEB.

Relativamente à segunda parte, esta está dividida cinco dois capítulos. O primeiro encontra-se dividido em cinco partes, sendo estas, a introdução, a pertinência do problema, as questões de investigação, os objetivos de investigação e por fim a motivação. O segundo capítulo, a fundamentação teórica, também dividido em cinco partes, referentes ao enquadramento internacional, aos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS), cidadania global, o enquadramento nacional e o papel da cidadania nas últimas reformas educativas em Portugal. No terceiro capítulo, são abordadas as metodologias de investigação utilizadas para o presente estudo, bem como a descrição do estudo e dos participantes, e ainda a técnica e instrumentos de recolha de dados. O capítulo IV, diz respeito à apresentação e discussão dos resultados. Por fim o último capítulo relativo às conclusões, limitações, considerações finais e sugestões para uma investigação futura do estudo.

Na última parte deste relatório, está presente uma reflexão geral da PES, onde é feita uma análise de todo o percurso.

## **Parte I Enquadramento da PES**

### **CAPÍTULO I-Intervenção em contexto educativo: 1º Ciclo do Ensino Básico**

---

## **Caracterização do contexto educativo**

Neste capítulo irei começar por enquadrar a Prática de Ensino Supervisionada no contexto de 1.º CEB, sendo estes a caracterização do mesmo assim como descrição do percurso da intervenção educativa.

### **1.1. Caracterização do contexto**

Este tópico é destinado à caracterização do contexto educativo no 1.º ciclo do Ensino Básico, abrangendo meio local, agrupamento e escola e turma.

### **1.2. Meio local**

A intervenção em contexto educativo foi realizada num centro escolar que corresponde a uma instituição pública do 1.º CEB no concelho e distrito de Viana do Castelo, esta é uma cidade atlântica, que pertence à Região Norte, e à sub-região do Alto Minho e conta com 27 freguesias. Neste concelho vivem oitenta e cinco mil, setecentos e oitenta e quatro habitantes, segundo os censos de 2021.

O contexto onde decorreu a PES, está situada a 10 km do centro da cidade e é banhada a sul pelo rio Neiva. Segundo os censos de 2011 esta conta com dois mil, novecentos e trinta habitantes. Trata-se de uma freguesia com tradição, destacando-se a agricultura, a pecuária e o comércio, estes estão destinados essencialmente ao consumo das famílias locais.

A freguesia tem disponível um Extensão de saúde, um Centro Social, dispendo de um Jardim de Infância para crianças entre os 3 e os 6 anos e para as crianças do 1.º e 2.º ciclo do ensino básico, um Centro de Atividades dos Tempos Livres.

Para além disto, o facto de se ser uma região que possui rio, mar e montanha privilegia a economia local, através do turismo.

Nesta freguesia existem ainda diversos grupos coletivos sendo alguns destes, Grupo Desportivo, Grupo Folclórico e Etnográfico, Grupo Folclórico Recreativo Cultural, Grupo Coral e um Grupo Cultural e Recreativo.

### **1.3. Agrupamento e Escola**

Relativamente à caracterização da escola onde decorreu a PES no 1º CEB, o estágio decorreu numa freguesia do distrito de Viana do Castelo, nesta estão presentes os níveis de ensino do Pré-escola ao 9.º ano de escolaridade.

A escola possuía um ginásio, um campo de jogos exterior, cantina, papelaria. Em cada piso tinha casa de banho para os docentes e para os alunos, a sala dos professores e das funcionárias situavam-se no piso onde estávamos a estagiar onde tinham as turmas do pré-escolar ao 4.º ano.

No piso em que estivemos a estagiar tinham três salas do pré-escolar, uma do 1.º ano, uma do 2.º ano e duas do 4.º ano de escolaridade, sendo que uma destas tinha alunos do 3.º ano.

A escola do nosso contexto de estágio de 1º CEB, é constituído por catorze estabelecimentos de ensino, que vão desde os níveis de educação pré-escolar até ao ensino secundário.

O Agrupamento é composto por 16 unidades orgânicas, com tipologias diversas, desde estabelecimentos com um único nível de ensino, até estabelecimentos que englobam três níveis de ensino. É constituído por dez Jardins de Infância, catorze Escolas Básicas do 1º CEB, duas Escolas de Ensino Básico de 2º e 3º Ciclo e a Escola-sede que inclui o ensino secundário. As unidades orgânicas estão dispersas por 7 freguesias do concelho de Viana do Castelo e pelas freguesias agregadas. O meio envolvente da escola sede é predominantemente rural e, em menor área, urbano, existindo também zonas industriais.

## 1.4. Turma

De forma a caracterizar a turma com a qual o estágio no 1º CEB foi realizado, esta era constituída por vinte e quatro alunos, sendo eles, nove do sexo masculino e quinze do sexo feminino. O ano de escolaridade com que trabalhamos com estas crianças foi o 4º e nenhuma delas sofreu retenção nem tinha Necessidades Educativas Especiais (NEE). Não obstante, existiam na turma alunos com algumas dificuldades nas aprendizagens. Nomeadamente um dos alunos tinha mais dificuldades na aprendizagem dos conteúdos, tendo começado a ser seguido por uma psicóloga.

Quanto às idades dos alunos da turma, estas estão compreendidas entre os nove e os dez anos.

No que diz respeito ao nível socioeconómico e cultural da turma, este pode caracterizar-se como médio, tendo em conta que existem alguns alunos que aparentam ter algumas dificuldades em comparação aos restantes alunos da turma. Relativamente às habilitações dos pais dos vinte e quatro alunos da turma há: quatro mães e um pai com Curso Superior, dez mães e um pai com o Ensino Secundário, seis mães e treze pais com o 3º Ciclo, nove pais e quatro mães com o 2º Ciclo e um pai com o 1º ciclo. Uma mãe não respondeu. As idades dos pais estão compreendidas entre os vinte e nove e os cinquenta e cinco anos. As idades das mães estão compreendidas entre os vinte e oito e os quarenta e sete anos.

Dezasseis dos vinte e quatro alunos vivem com os pais. Cinco vivem com os pais e com os avós, um vive só com o pai e a madrasta e dois com as mães e os padrastos e um só com a mãe (pai faleceu). catorze alunos não têm irmãos e onze têm um irmão. Seis alunos têm irmãos que frequentam a Escola Básica Foz do Neiva: um no pré-escolar, um no primeiro ciclo do ensino básico, dois no segundo ciclo do ensino básico e dois no terceiro ciclo do ensino básico. Todos pais estão empregados. Uma mãe não respondeu. Existem seis alunos subsidiados com o escalão B.

Quanto ao comportamento, tratava-se de uma turma barulhenta e agitada e com alguma dificuldade no cumprimento de regras, porém mostravam-se sempre interessados em aprender assuntos novos e também tratava-se de uma turma muito



participativa, esta tornava-se agitada e barulhenta devido a esta forte vertente de participação, pois ficavam entusiasmados com os assuntos, sendo difícil por vezes continuar com a aula, para a resolução deste problema fomos arranjando algumas estratégias.

Visando também reverter a situação apontada, nós como par de professoras estagiárias pensamos numa possível estratégia, primeiramente começamos por colocar uma caixa com os nomes de todos os alunos, assim sempre que quiséssemos que algum participasse, retirávamos um nome da caixa e só esse aluno poderia responder/participar, evitando assim tanta agitação. Outra estratégia que adotamos foi, quando a turma se mostrava mais barulhenta e agitada, sentávamo-nos numa cadeira e esperávamos que eles acalmassem, assim que os alunos vissem que parávamos o que estávamos a lecionar e nos sentávamos, percebiam rapidamente que se tinham de acalmar. Numa fase final de intervenção, também chegamos a colocar música relaxante sempre que estes vinham do intervalo, e pedíamos para fechar os olhos e deitar a cabeça na mesa, logo de seguida começávamos a aula e a turma mostravam-se mais calma.

Quando à postura dos alunos em sala de aula os alunos mostravam-se sempre atentos e interessados na consecução das tarefas e atividades propostas. Por sua vez, quatro alunos revelaram bastantes capacidades, mas por vezes estão desatentos, faladores e pouco persistentes nas tarefas da aula. Relativamente aos restantes, há a dizer que, mesmo sendo responsáveis e demonstrando empenho, a sua participação limita-se às solicitações dos professores e nota-se que deviam praticar bastante os conteúdos fora da sala de aula uma vez que, estes alunos assumem a parte da turma que se mostrou com mais dificuldades. Podemos observar que três alunos mostravam-se desatentos e por vezes a sua postura em sala de aula era desadequada.

Focalizando nas diversas áreas de estudo, a Matemática revelou ser a área onde os alunos tinham mais dificuldades, designadamente no domínio da elaboração de problemas e realização de cálculos por algoritmo. No que diz respeito ao Português os alunos apresentavam alguns problemas na parte da escrita. O Estudo do Meio era a área que mais os cativava e que lhes captava mais atenção, era uma disciplina que lhes suscitava muito interesse e a que eles mais queriam fazer perguntas. As expressões

revelaram-se áreas que os alunos gostavam bastante e que realizavam com bastante destreza, motivação e dedicação.

### **1.5. Percurso da intervenção educativa: 4.º ano de escolaridade**

A primeira parte da prática de Ensino Supervisionada teve a duração de três semanas de observação/intervenção e onze semanas de regência. As semanas de observação foram fundamentais para a nossa intervenção pois permitiu-nos compreender cada estratégia e dinâmica do docente titular da turma. Para além disso, permitiu também perceber os ritmos de aprendizagens dos alunos, bem como as dificuldades sentidas ao longo da aprendizagem.

Após a fase de observação, iniciaram-se onze semanas de intervenção. Sete destas tiveram apenas três dias de intervenção, e quatro com cinco dias de intervenção, ou seja, todos os dias úteis da semana. O estágio era composto por um par de estágio, que lecionava as aulas alternadamente. Cada um dos elementos do par, contou com duas semanas intensivas. Estas semanas serviram para que cada estagiário se apercebesse do funcionamento de uma semana completa de lecionação. Contudo, o plano de estágio foi alterado, dadas as circunstâncias que o mundo está a viver, sendo o vírus COVID-19, que nos impediu de lecionar duas semanas. Estas seriam, uma semana intensiva e outra já na última semana de intervenção. Duas das semanas intensivas, acabamos por lecionar apenas os três dias, pois coincidiu com semanas de feriado e ponte.

Este contexto educativo permitiu-nos planificar com mais detalhe e rigor as atividades a implementar, experienciar a ação educativa, bem como avaliar e refletir sobre a prática pedagógica implementada, aplicando os conhecimentos curriculares e didáticos nas áreas disciplinares de Estudo do Meio, Português, Matemática e Expressão Físico-Motora. A intervenção no contexto educativo foi concretizada sempre tendo por base o trabalho colaborativo desenvolvido pelo par pedagógico, desde a discussão de ideias para abordar os conteúdos, à realização das planificações das atividades a serem implementadas, tendo em consideração os interesses, motivações e dificuldades dos

alunos, com a finalidade de desenvolver nestes, aprendizagens significativas. Os conteúdos a abordar por cada elemento do par pedagógico eram propostos pelo docente titular da turma, que sempre se mostrou disponível a colaborar com as estagiárias, no sentido de ajuda e de feedback relativamente às nossas intervenções. Posto isto, irei realizar uma análise mais detalhada e pormenorizada no que respeita aos métodos e estratégias didático-pedagógicas implementados aquando da intervenção enquanto docente estagiária, sendo sempre o nosso objetivo de criar nos alunos aprendizagens significativas.

## **1.6. Português**

No respeitante à unidade curricular de português foram trabalhados conteúdos dos diferentes domínios propostos no programa e metas curriculares: Oralidade, Leitura e Escrita, Educação Literária e Gramática. No domínio da oralidade é de referir que foi trabalhada a interação discursiva, a compreensão e expressão oral e a produção do discurso oral. Na interação discursiva era solicitado aos alunos a explicação acerca do que tinham ouvido adaptando o seu discurso às diferentes situações de comunicação. No que diz respeito ao conteúdo da compreensão oral e expressão oral, foram apresentadas aos alunos atividades focalizadas para o alargamento do vocabulário, nomeadamente na descoberta do significado de palavras desconhecidas através do seu contexto, neste sentido criamos o “Diário de um Descobridor de Palavras”, em que os alunos teriam de registar a palavra que não conheciam e de seguida tinham de escrever o que achavam o que significava, depois tinham de consultar o dicionário e no final teriam de escrever uma frase onde essa palavra se encaixasse. Procuramos também realizar algumas atividades direcionadas para a dramatização e a justificação de pontos de vista, opiniões e atitudes.

No que diz respeito ao domínio da Leitura e Escrita, a exploração da Leitura teve por base a análise de textos com diferentes características, proporcionando aos alunos momentos de leitura silenciosa e em voz alta. Assim sendo, os alunos depararam-se com diversos géneros textuais, desenvolvendo a compreensão, a fluência, e ritmos

adequados de leitura, bem como a contribuição para o alargamento do seu vocabulário de acordo com a temática do texto. Após as leituras os alunos eram questionados acerca do mesmo, para verificar, se estes compreendiam o que liam e se sabiam organizar os conhecimentos do texto, bem como, relacionar os textos com conhecimentos anteriores.

Em relação à Escrita, foram trabalhados vários conteúdos. Neste ponto, os alunos revelaram algumas dificuldades, não só a nível da falta da criatividade, pois necessitavam sempre de um apoio extra para a realização dos textos, alguns também mostravam dificuldades a nível de erros ortográficos.

Procuramos realizar atividades que fossem ao encontro das suas motivações para manter os alunos envolvidos nas tarefas. Assim, os alunos puderam escrever vários textos como: texto poético, texto narrativo e resumo. A realização dos mesmos foi orientada pelas professoras estagiárias (PE) bem como o professor cooperante, de forma que os alunos redigissem corretamente, utilizando os mecanismos de coesão e coerência adequados e tendo cuidado com as regras de ortografia e de pontuação, bem como o processo de revisão do texto escrito. Como já referido, maior parte da turma produzia textos criativos, apenas uma pequena parte tinha algumas dificuldades, porém de forma a combater esta situação fomos sempre promovendo atividades que motivaram muito os alunos para a escrita, assim sempre que estes tinham de redigir um texto as professoras estagiárias forneciam imagens e palavras que os alunos tinham de introduzir nos seus textos.

No que diz respeito à Educação Literária, demos ênfase à exploração de obras literárias em que a temática se enquadrasse nos conteúdos que iriam ser trabalhados nessa semana, quer na área da Cidadania quer na área de Estudo do Meio. Na primeira semana de intervenção começamos por trabalhar a obra “O Coração e a Garrafa” de Oliver Jeffers. Selecionamos esta obra, pois iríamos abordar os músculos em Estudo do Meio, para além da interligação com esta área, esta obra fala sobre memórias e a perda de alguém, os alunos mostraram muito interesse nesta. Trabalhamos também, obras de leitura obrigatória, como foi o caso dos “Versos de Cacarcá” de António Manuel Couto Viana e “A Princesa e a ervilha” de Hans Christian Andersen. Para além destas obras, optamos por no início do dia começar por ler um excerto de uma obra escolhida por nós,

de forma a proporcionar um momento de leitura gratuita aos alunos, para que estes também percebessem que ler um texto/obra não tinha que seguir necessariamente um conjunto de questões de interpretação, e também pretendíamos ativar o gosto pela leitura autónoma aos alunos, penso que conseguimos cumprir com esse objetivo. Todas as obras lidas faziam parte do Plano Nacional de Leitura. Trabalhamos ainda a obra das “Lendas do Mar” no contexto do concurso de leitura, realizado em todos os agrupamentos.

Por fim, no que diz respeito à Gramática, abordamos a classe de palavras, nomes coletivos, graus dos adjetivos, graus dos nomes, as conjugações verbais e flexão de verbos irregulares no presente do indicativo, bem como a pontuação. Procuramos sempre que os alunos dominassem as regras e processos gramaticais para que pudessem ser também aplicados corretamente em situações de Oralidade, Leitura e Escrita.

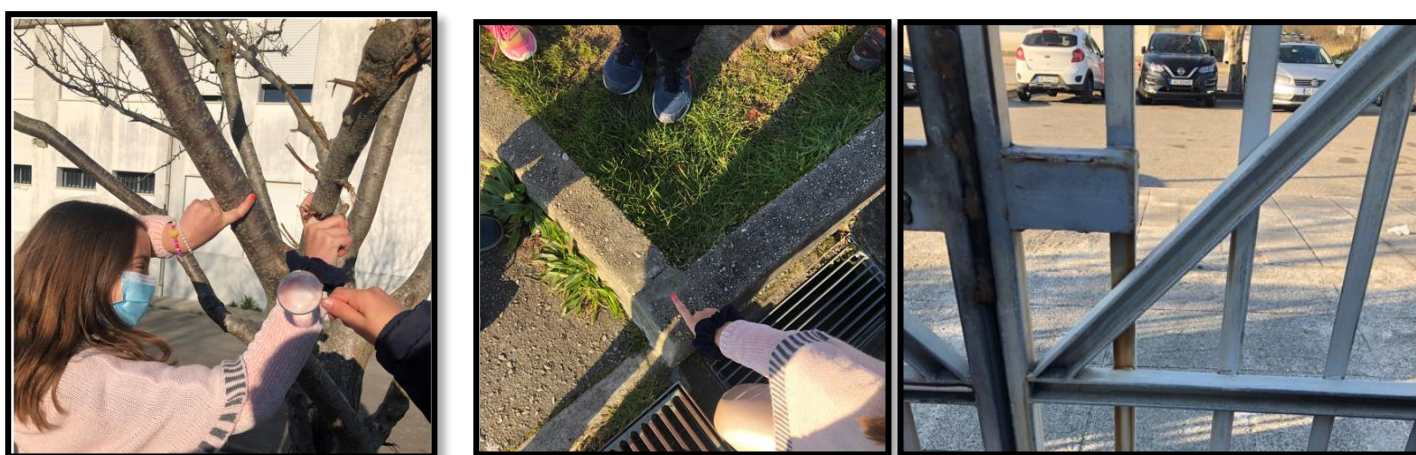


Figura 1-Atividade Nomes Coletivos

## 1.7. Matemática

No que diz respeito à área curricular da Matemática, tivemos como propósito fomentar o gosto pela mesma, a aprendizagem pela descoberta e a realização de atividades diversificadas de modo a incentivar os alunos a aprendizagem da matemática.

Em termos de conteúdos, e tendo em conta as planificações realizadas, trabalhamos os domínios, Números e Operações, Ler e Representar números no sistema de numeração decimal até ao milhão, identificar o valor posicional de um algarismo e relacionar os valores das diferentes ordens e classes, trabalhamos também o conceito de fração, de ângulos e realização de operações de divisão, com dois algarismos no divisor utilizando o algoritmo. Tentamos em todos os conteúdos abordados, arranjar estratégias para que os alunos se mantivessem sempre interessados e também que os motivasse para a aprendizagem da matemática. Realizamos duas atividades no exterior, uma envolvia a descoberta de ângulos na natureza e outro sobre a resolução de problemas envolvendo situações reais. Assim, o nosso objetivo foi sempre tentando envolver todos os alunos, levando-os a serem protagonistas da sua própria aprendizagem, mantendo-os envolvidos nos raciocínios matemáticos, na comunicação matemática e na resolução de problemas para que os alunos crescessem em conhecimentos nesta área curricular.



*Figura 2-Atividade exterior dos ângulos*

## 1.8. Estudo do Meio

Quanto à área curricular de Estudo do Meio, os alunos tiveram a oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos em relação ao seu corpo e à descoberta dos outros e das instituições. Para isso, tentamos sempre diversificar as aulas com vários materiais lúdicos de modo a promover o sucesso da aprendizagem dos alunos nos conteúdos lecionados. Exploramos ainda, os fenómenos relacionados com as funções do corpo humano, sendo a pele, os músculos e a segurança do nosso corpo, abordamos também as emergências e os primeiros socorros, os sismos, incêndios, conceitos do domínio designado de A Segurança do Seu Corpo. Para a exploração destes temas, realizamos uma visita guiada virtual ao quartel dos bombeiros. Demos sempre a possibilidade de os alunos falarem abertamente sobre os temas pois, são temas que lhes despertam muita curiosidade. Na aula dos primeiros socorros a professora estagiária levou uma mala de primeiros socorros para ser analisada em aula, para além disso na aula sobre a pele levou uma maquete da pele.

No que diz respeito ao bloco à descoberta dos outros e das instituições, começamos por abordar os primeiros povos, onde em conjunto com a turma realizamos uma cronologia em papel de cenário. Seguidamente, abordamos o passado do meio local, a formação de Portugal, na Reconquista cristã. Por fim a 1ª, 2ª, 3ª e 4ª dinastias. Para abordar estes temas procuramos sempre utilizar materiais que chamasse a atenção dos alunos. Nos primeiros povos, levamos um conjunto de garrafas com mensagens dos povos dentro, para que os alunos descobrissem o que cada povo fez naquela altura, também foi realizada uma cronologia dos primeiros povos. Para abordar a formação de Portugal, realizamos um jogo de tabuleiro, visto que estávamos em tempo de pandemia, e não era possível a organização da turma em grupos, a PE levou impresso em tamanho grande o jogo de tabuleiro, com este vinha um peão de jogo, movido pela PE e dois dados. Cada aluno lançava o dado, e a PE andava o número de casas correspondente, os alunos teriam de responder a uma questão ou analisar uma imagem. No que diz respeito às dinastias, foram realizados vários Quizz e concursos com questões. Por fim, ainda no passado do meio local, a turma realizou um pequeno livro sobre o passado de Viana do

castelo, em par realizaram uma pequena pesquisa sobre um local histórico de Viana do Castelo, e no final organizaram a informação num poster.

Ficamos a perceber, que a área de estudo do meio é área que suscita mais interesse por parte dos alunos, mostrando sempre entusiasmo e querendo sempre participar e saber mais sobre os temas.

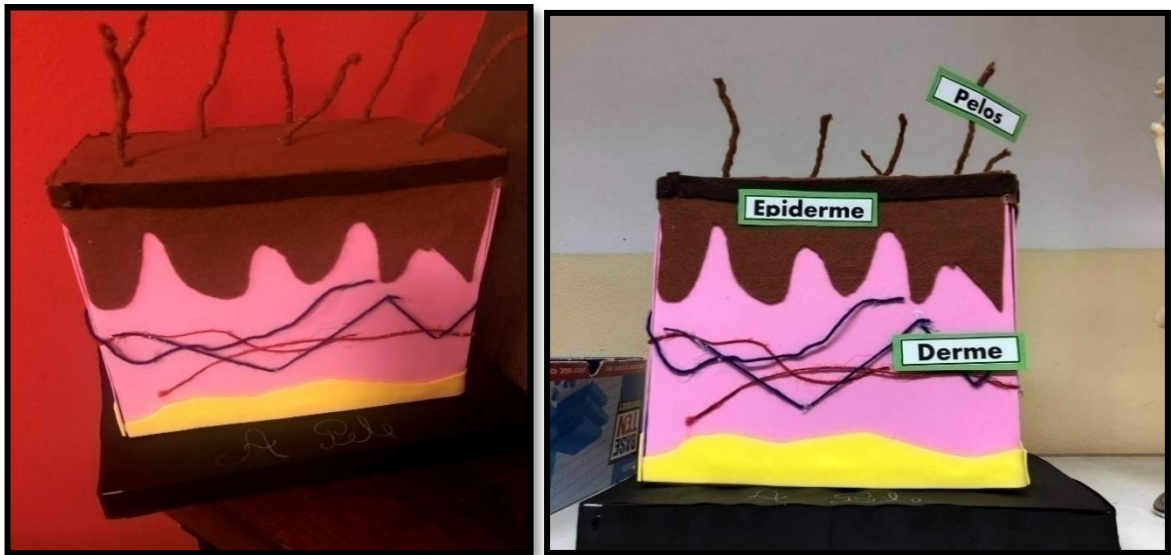


Figura 3- Maquete Pele

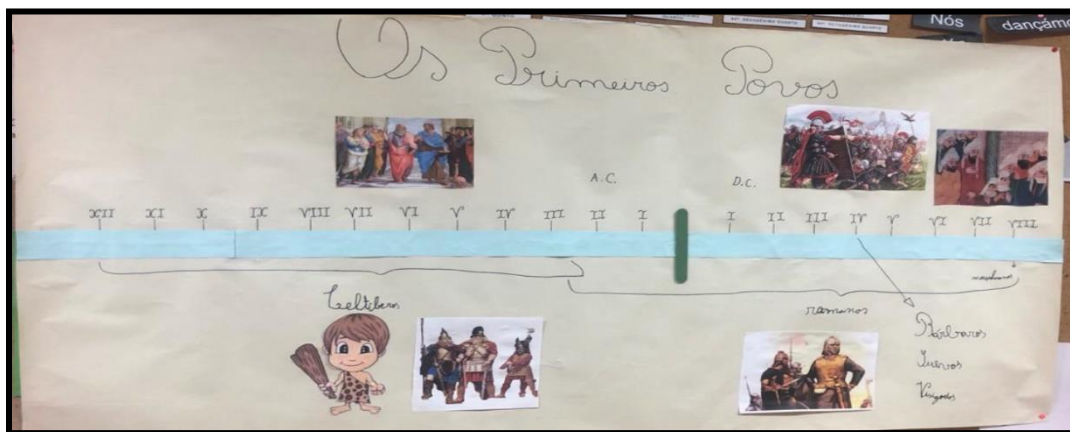


Figura 4- Primeiros povos



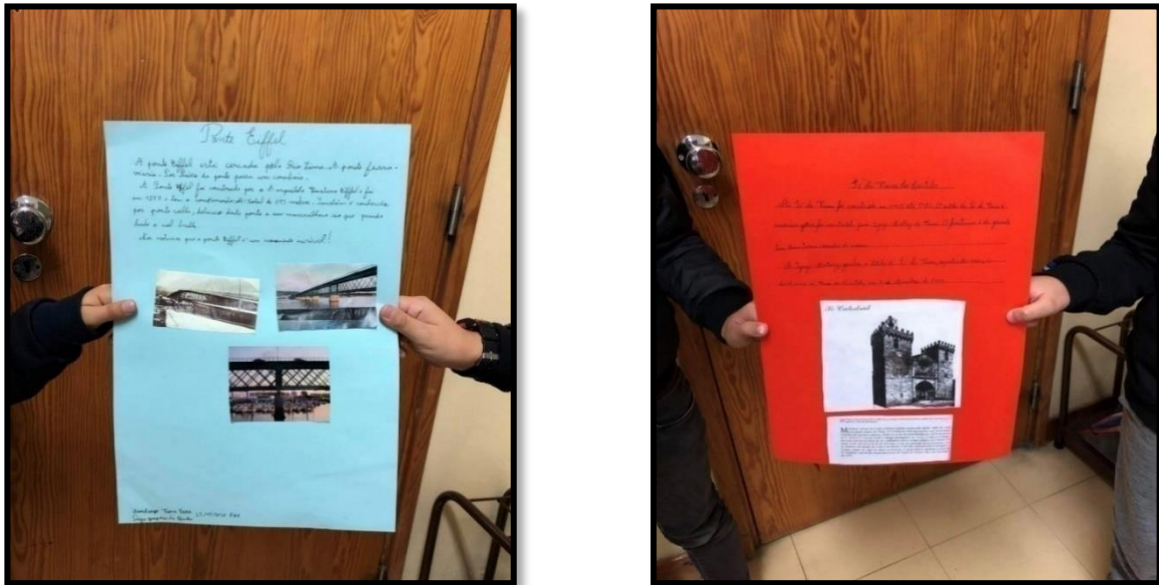


Figura 5- Projeto Património Local

## 1.9. Expressão Físico-Motora/ Expressão Artística e Musical

Na área curricular de Educação Físico-Motora, foram apenas realizadas duas intervenções, pois o professor cooperante tinha preferência em atividades relacionadas com pintura, dobragens e cantar canções. Realizamos atividades fundamentalmente nos blocos: Jogos, Deslocamentos e Equilíbrios e Atividades Rítmicas e Expressivas.

No que diz respeito às expressões artísticas, realizamos várias atividades, sempre relacionadas com a época festiva que nos encontrávamos, começamos por fazer no magusto a construção da “Maria Castanha”, também realizamos marcadores de livros, preparamos um pequeno espetáculo de natal, que consistia na elaboração de um coro de natal, realizamos também algumas pinturas de inverno, utilizando a técnica do sopro e no final construímos as coroas dos reis e realizamos ensaios para ir cantar os reis nas outras salas, que infelizmente não foi possível realizar.



Figura 6-Maria Castanha

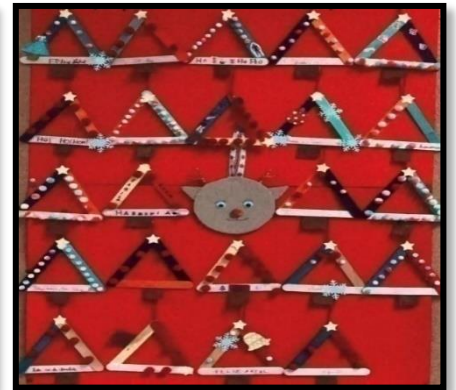


Figura 7- Atividades de Natal

**Capítulo II- – Intervenção em contexto educativo II - 2º Ciclo  
do Ensino Básico**

---

## **Intervenção em contexto educativo:**

Neste capítulo irei começar por enquadrar a Prática de Ensino Supervisionada no contexto no 2º CEB, sendo estes a caracterização do mesmo assim como descrição do percurso da intervenção educativa.

### **2.1. Caracterização do contexto**

Este tópico é destinado à caracterização do contexto educativo no 1.º ciclo do Ensino Básico, abrangendo meio local, agrupamento e escola e turma.

### **2.2. Meio local**

No que diz respeito ao contexto em que foi realizada a segunda parte da Prática de Ensino supervisionada, a intervenção em contexto educativo foi realizada numa freguesia do concelho de Viana do Castelo. Esta é capital de distrito, situa-se no litoral norte do país, segundo (PORDATA, 2021) neste concelho habitam oitenta e cinco mil, setecentos e oitenta e quatro habitantes. Esta cidade tem como vantagem a boa oferta de emprego, bem como boa qualidade de vida não só para jovens, mas também para adultos e idosos. Para além disso a sua localização permite que os habitantes visitem as áreas mais rurais e turísticas da região.

O contexto em si, situa-se na margem direita do Rio Lima, em 2001, trata-se de uma freguesia com riqueza histórica e com vários pontos turísticos para visitar, sendo exemplos destes, o Ecomuseu, Espaços verdes e Património construído. Segundo os dados do I.N.E (Instituto Nacional de Estatísticas) habitavam nesta freguesia mil, setecentos e quarenta e quatro habitantes.

## **2.3. Agrupamento e Escola**

Relativamente à escola, esta é composta por 2 blocos interligados por galerias cobertas e fechadas, sendo um dos blocos composto por refeitório, sala de convívio de alunos, bar e papelaria. Os outros dois blocos são compostos por salas de aula, seminários, laboratórios, secretaria, sala de professores, gabinetes de trabalho, gabinete da Direção, reprografia, posto médico. Existem ainda duas salas de aula em pré-fabricado.

Os espaços exteriores são amplos, permitindo a circulação incluindo viaturas caso se torne necessário. Existem 3 portões de acesso na frente do edifício e um nas traseiras, tendo este último um acesso suficiente.

Relativamente à população escolar esta é composta por, 146 alunos do 2.º ciclo, 274 do 3.º ciclo e 166 do secundário, fazendo um total de 586 alunos. É composta por 110 docentes, 34 funcionários e 2 guardas-noturnos.

Este agrupamento conta com 5 escolas, desde o pré-escolar ao ensino secundário. No secundário regular existem os seguintes cursos: Curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias, Curso Científico-Humanístico de Ciências Socioeconómicas e Curso Científico Humanístico de Línguas e Humanidades.

Relativamente aos cursos profissionais, o Agrupamento optou pelos cursos que se seguem: Técnico de Eletrónica, Automação e Computadores, Técnico Auxiliar de Saúde e Técnico de Apoio Familiar e de Apoio à Comunidade.

## **2.4 Turma**

Foram duas as turmas onde realizamos o estágio no 2º CEB, uma do 5º ano de escolaridade e outra do 6º ano. No que diz respeito ao 5º ano foi no contexto de História de Geografia de Portugal esta era constituída por vinte e um alunos, sendo eles, doze do sexo masculino e nove do sexo feminino. Nenhum dos alunos sofreu retenção nem tinha Necessidades Educativas Especiais (NEE), porém existiam na turma alunos com

muitas dificuldades nas aprendizagens tendo que realizar outro tipo de fichas de avaliação bem como diminuir o número de exercícios dados, pois demoravam algum tempo para terminar as tarefas propostas. Alguns dos alunos da turma eram acompanhados pela psicóloga escolar.

Quanto às idades dos alunos da turma, estas estão compreendidas entre os dez e os onze anos.

No que diz respeito ao nível socioeconómico e cultural da turma, este pode caracterizar-se como médio, tendo em conta que existem alguns alunos que aparentam ter algumas dificuldades em comparação aos restantes alunos da turma.

Relativamente ao comportamento, tratava-se de uma turma bastante calma e por vezes pouco participativa, porém mostravam-se sempre interessados em aprender assuntos novos e com o tempo tornou-se uma turma muito mais participativa.

Quando à postura dos alunos em sala de aula os alunos mostravam-se sempre atentos e interessados na consecução das tarefas e atividades propostas. Por sua vez, os alunos com mais dificuldades eram um pouco mais lentos em comparação com o resto da turma. Relativamente aos restantes, há a dizer que, mesmo sendo responsáveis e demonstrando empenho, podemos observar que dois alunos mostravam-se desatentos e por vezes a sua postura em sala de aula era desadequada, para além disso raramente faziam o que lhes era proposto tanto em aula como para trabalho de casa.

No que diz respeito à turma de Português. Esta era constituída por vinte alunos, sendo eles, quinze do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Um dos alunos tinha Necessidades Educativas Especiais (NEE) e só estava com a turma na disciplina de cidadania, para além disso existiam na turma alunos com muitas dificuldades nas aprendizagens tendo que realizar outro tipo de fichas de avaliação bem como diminuir o número de exercícios dados, pois demoravam algum tempo para terminar as tarefas propostas.

O nível socioeconómico e cultural da turma, este pode caracterizar-se como médio, não aparentado ter algumas dificuldades.

Relativamente ao comportamento, tratava-se de uma turma bastante barulhenta, mas também participativa, mostravam-se sempre interessados em aprender assuntos novos.

Quando à postura dos alunos em sala de aula os alunos mostravam-se sempre atentos e interessados na consecução das tarefas e atividades propostas. Por sua vez, os alunos com mostravam-se um pouco mais lentos em comparação com o resto da turma, o que dificultando o trabalho desenvolvido pelas PE's. Podemos observar que alguns alunos mostravam-se desatentos e por vezes a sua postura em sala de aula era desadequada, para além disso raramente faziam o que lhes era proposto para trabalho de casa.

## **2.5. Percurso da intervenção educativa: 5º ano e 6º ano de escolaridade**

A segunda parte da prática de Ensino Supervisionada teve a duração de três semanas de observação/intervenção e oito semanas de regência, sendo que as semanas de regência se destinou metade para História e Geografia de Portugal e outra metade para Português. As semanas de observação foram fundamentais para a nossa intervenção pois permitiu-nos não só aperceber das estratégias, práticas, hábitos e dinâmicas do docente titular da turma, mas também do comportamento, das capacidades e motivações dos alunos. Permitiu também perceber os ritmos de aprendizagens dos mesmos, bem como, as suas dificuldades, aspetos estes que se revelaram posteriormente fundamentais. Terminada a fase de observação/intervenção, iniciaram-se as oito semanas de regências, cada estagiária contou com quatro semanas para implementar Português e outras quatro para implementar História e Geografia de Portugal, sendo que enquanto o par de estágio estava a implementar o outro estava a observar.

No que concerne às competências a ter como estagiárias, este contexto educativo permitiu-nos planificar com mais detalhe e rigor as atividades a implementar, experienciar a ação educativa, bem como avaliar e refletir sobre a prática pedagógica implementada, aplicando os conhecimentos curriculares e didáticos nas áreas

disciplinares de História e Geografia de Portugal e Português. Os conteúdos a abordar por cada elemento do par pedagógico eram propostos pelos docentes titular de cada área disciplinar, que sempre se mostraram disponíveis a colaborar com as estagiárias, no sentido de entreatajuda e de feedback relativamente às nossas intervenções. Posto isto, irei realizar uma análise mais detalhada e pormenorizada no que respeita aos métodos e estratégias didático-pedagógicas implementados aquando da intervenção enquanto docente estagiária, sendo sempre o nosso objetivo de criar nos alunos aprendizagens significativas.

## **2.6. Português**

No que diz respeito à unidade curricular de português, foram trabalhados conteúdos dos diferentes domínios propostos no programa e metas curriculares: Oralidade, Leitura e Escrita, Educação Literária e Gramática. No domínio da oralidade é de referir que foi trabalhada a interação discursiva, a compreensão e expressão oral e a produção do discurso oral. Na interação discursiva era solicitado aos alunos a explicação acerca do que tinham ouvido adaptando o seu discurso às diferentes situações de comunicação. No que diz respeito ao conteúdo da compreensão oral e expressão oral, foram apresentadas aos alunos atividades focalizadas para o alargamento do vocabulário, nomeadamente na descoberta do significado de palavras desconhecidas através do seu contexto. Procurei também realizar algumas atividades direcionadas para a dramatização e a justificação de pontos de vista, opiniões e atitudes.

Neste sentido numa primeira aula procurei que através de imagens e conceitos os alunos chegassem ao tipo de texto que iríamos trabalhar ao longo das aulas, foi entregue todos uma raspadinha em que nesta ou sairia uma imagem ou um conceito associado ao tema, para além da descoberta a turma ficou a conhecer novos conceitos ligados ao texto dramático, algo que era desconhecido por parte dos alunos, penso que foi uma atividade que correu bastante bem, pois os alunos mostraram-se entusiasmados e para além de quererem mais raspadinhas para raspar, mostraram interesse em



descobrir o significado dos conceitos desconhecidos, ou então ajudavam os colegas a descobrir do que se tratava.

No que diz respeito ao domínio da Leitura e Escrita, a exploração da Leitura teve por base a análise de textos com diferentes características, neste caso foi trabalhado o texto dramático proporcionando aos alunos momentos de leitura silenciosa e em voz alta. Após as leituras os alunos eram questionados acerca do mesmo, para verificar, se os alunos compreendiam o que liam e se sabiam organizar os conhecimentos do texto, bem como, relacionar os textos com conhecimentos anteriores. Neste sentido foi elaborada a leitura dramatizada da obra que estava a ser trabalhada, “Os Piratas” de Manuel António Pina, algo que os alunos gostaram bastante e todos quiseram participar na mesma.

Já no que toca à Escrita, foram trabalhados vários conteúdos. Foi pedido aos alunos que escrevessem um excerto de texto dramático, de forma a continuarem a história que estava a trabalhar, mas também para consolidar os conteúdos desenvolvidos. A realização dos mesmos foi orientada pela Professora Estagiária bem como a professora cooperante, de forma que os alunos redigissem corretamente, utilizando os mecanismos de coesão e coerência adequados e tendo cuidado com as regras de ortografia e de pontuação, bem como o processo de revisão do texto escrito. Maior parte da turma produzia textos criativos, apenas tiveram algumas dificuldades na estrutura do texto.

No que diz respeito à Educação Literária, demos ênfase à exploração de obras literárias em que a temática se enquadrasse nos conteúdos que iriam ser trabalhados. Nesse sentido trabalhei a obra “Os Piratas” Manuel António Pina.

Por fim o que foi trabalhado ao nível da Gramática. Abordei o discurso direto e indireto, o verbo copulativo, o predicativo do Sujeito, complemento oblíquo e Modificador, sendo que nesta área apresentei algumas dificuldades.

## 2.7. História e Geografia de Portugal

Terminada a regência na disciplina de Português, seguiu-se a implementação na disciplina de História e Geografia de Portugal. As sessões foram planificadas, segundo os documentos curriculares de referência para o 2º Ciclo, as Aprendizagens Essenciais e o Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico.

No que diz respeito à área curricular de História e Geografia de Portugal, em termos de conteúdos, e tendo em conta as planificações realizadas, trabalhamos os domínios Portugal nos séculos XV e XVII e Portugal: Da União Ibérica à Restauração da Independência. O primeiro mês de implementação foi dado pela professora estagiária Patrícia Paço, esta procurou utilizar sempre vários materiais didáticos de forma a cativar a turma, sendo estas bem conseguidas.

O segundo mês de implementação foi dado por mim. Nestas aulas abordei Portugal: Da União Ibérica à Restauração da Independência, de forma a incentivar os alunos a maior participação em aula, visto que era uma turma um pouco mais inibida, ao longo das aulas fui desenvolvendo em conjunto com a turma um “Mural da restauração da independência” o objetivo era no final de cada aula os alunos fixarem num placar de cortiça os documentos que foram abordados nessa aula, assim no final iriam ficar com um quadro resumo da matéria toda. Os alunos mostraram muito interesse neste projeto, pois no final de cada aula queriam sempre participar e colocar os documentos no placard, até mesmo os alunos que não mostravam tanto empenho queriam participar. Para além disso, esta atividade serviu para que na última aula, e de forma a consolidar os conteúdos, e com a turma organizada em grupos cada grupo construísse o seu próprio mural com todos os acontecimentos devidamente organizados cronologicamente, no final estes ficaram expostos na biblioteca. Ainda nesta aula realizaram um jogo da glória com os conteúdos abordados ao longo das aulas, os alunos gostaram bastante desta atividade, pois assim que terminassem uma partida, pediram para jogar novamente e para além disso foi uma forma mais didática de consolidarem os conteúdos. (Em anexo segue a planificação referente a esta aula.)



Figura 8 -Mural da Restauração da Independência e organização do mesmo pelos alunos

mostrasse o interesse por parte da turma, desta forma recorri à visualização de vídeos didáticos feitos por mim e retirados da internet, bem como a análise de mapas, documentos, pergaminhos, imagens e jogos didáticos, conciliando e recorrendo sempre com o manual e o caderno de atividades.

De modo geral penso que tanto eu como o meu par de estágio, procuramos realizar aulas que cativasse a atenção dos alunos e que os tornasse uma turma mais participativa e penso que conseguimos cumprir esse objetivo, pois os alunos todos as aulas mostravam-se motivados e queriam sempre saber o que iríamos trabalhar nas aulas, para além disso todos participavam, até mesmo os que não mostravam tanto empenho no que diz respeito à realização de tarefas de casa.

## Envolvimento na Comunidade Educativa

No que diz respeito ao envolvimento na Comunidade Educativa, tivemos oportunidade de assistir a um evento organizado pelos alunos todos os anos intitulado de “Ciclo de conferências” tendo sido este ano a 12.ª edição. Neste projeto cada turma tem de selecionar alguns colegas que tem de apresentar à comunidade escolar

trabalhos desenvolvidos pela turma ao longo daquele ano ou período, desta forma promove o trabalho explorado durante as aulas e dá a conhecer à comunidade escolar os mesmos. Este tipo de conferencias também serve para promover a comunicação dos alunos a um grande público, para que estes fiquem preparados para falar diante a muitas pessoas no futuro e a estabelecer uma boa comunicação.

Para além desta atividade, no âmbito da área disciplinar de cidadania e do estudo que realizei com a turma 6.º B sobre pobreza como violação dos direitos humanos, realizei uma palestra com uma convidada especial, colaboradora da Amnistia Internacional Nadir Faria, inicialmente esta só iria ser para a turma em questão, porém foi aberta a toda a comunidade, sendo assim todas as turmas do 6.º ano pode participar na palestra bem como colocar questões no final. Para ajudar na organização e comunicação com as outras turmas para a participação contei com a ajuda da coordenadora de cidadania da escola.

## Em síntese

De modo geral penso que as duas intervenções foram globalmente positivas. Podemos contactar com turmas diferentes e com diferentes ritmos de aprendizagem, bem como a nível de comportamento. Para além disso o facto de termos implementado em três níveis de ensino distintos penso que foi uma mais-valia, pois assim podemos interagir com diferentes anos de escolaridade e retirar mais proveito para as nossas aprendizagens, não só a nível académico como também pessoal, pois todos os dias alcançamos uma aprendizagem nova e aprendemos com os nossos erros.

Penso que a área disciplinar que me senti mais à vontade a lecionar foi a de História e Geografia de Portugal, no último contexto de estágio no 5.º ano de escolaridade, penso que o motivo seja o facto de gostar mais desta área em específico. No que diz respeito à área em que senti mais dificuldades foi na área de Matemática, pois é uma área que sinto mais dificuldades e que não tenho tanto interesse em comparação às outras. Porém com esta intervenção penso que consegui evoluir e melhorar nesse sentido.

Para concluir, penso que este tipo de contextos de intervenção são uma mais-valia para os estudantes, pois ajuda-nos para que no futuro estejamos preparados para a vida profissional.



## **Parte II Trabalho de Investigação**

### **Capítulo I**

---

## Introdução

Neste capítulo encontra-se a pertinência do estudo empírico em causa, bem como o problema, a questão que orientou a investigação e os objetivos formulados para a mesma.

O presente relatório tem como principal objetivo abordar a temática da Pobreza e das Desigualdades enquanto violação dos Direitos Humanos, uma vez que impedem, ou pelo menos dificultam, o acesso aos direitos consagrados na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

### 1.1 Caracterização do estudo

Partindo da reflexão sobre a importância da Educação para a Cidadania na escola, será realizado um enquadramento internacional - ao nível dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e do conceito de Cidadania Global - e nacional - ao nível da Estratégia de Educação para a Cidadania e da operacionalização da componente curricular de Cidadania e Desenvolvimento.

Este estudo foi realizado numa turma do 6º ano de escolaridade. Mobilizando o Referencial de Educação para o Desenvolvimento, nomeadamente o tema a *Pobreza e Desigualdades*, os principais objetivos são, perceber que as situações de riqueza e de pobreza se podem traduzir em desequilíbrios na sociedade ao nível da satisfação das necessidades dos seres humanos, compreender a interdependência entre desigualdades, pobreza e exclusão social, conhecer instituições de âmbito local, nacional e internacional que atuem no combate à pobreza e à exclusão social; apresentar exemplos de ações concretas de combate à pobreza e a exclusão social aos níveis local e global.

Para além da abordagem da temática através de metodologias ativas diversificadas, o estudo pretende analisar a perceção de crianças do 6º ano sobre o tema.



Para este fim, foi utilizada uma metodologia qualitativa, com recurso à análise de conteúdo. Para a recolha dos dados a serem analisados, foram realizadas várias atividades em sala de aula as quais foram pensadas de forma a permitirem a recolha de contributos através da escrita, da gravação de vídeo, fotografia e observação do participante, ou seja, as notas retiradas ao longo da realização das tarefas.

### **1.1.1. Pertinência do problema**

Uma vez que a Educação para o Desenvolvimento é um dos temas transversais para a nossa sociedade, e visto que ainda é uma temática que suscita algumas dúvidas às crianças, pretendeu-se explorar o conceito de pobreza, sendo este um dos subtemas do domínio, *Direitos Humanos*, percebendo as diversas perceções de uma turma do 6.º ano de escolaridade.

A pobreza é um grave problema, quer a nível nacional como mundial, que necessita da intervenção de todas as pessoas. Neste sentido, é um tema fundamental a ser tratado nas escolas, pelo que considereei pertinente desenvolver algumas questões de forma a perceber o que as crianças sabem sobre o assunto e a fazê-las refletir sobre o mesmo.

Segundo José A. Pereirinha, a pobreza é um conceito, que se refere à:

... situação de escassez de recursos de um indivíduo, ou família, dispõe para satisfazer necessidades consideradas mínimas, acentua o aspeto distributivo do fenómeno (a forma como os recursos se encontram distribuídos entre os indivíduos e/ou famílias na sociedade) (Pereirinha, 1996).

Um indivíduo é considerado pobre quando não satisfaz as necessidades mínimas para sobreviver, o que vai gerar exclusão social. A falta de oportunidade pode gerir um círculo vicioso que, poderá levar à pobreza extrema. Esta é a definição principal de desigualdade - há indivíduos que dispõem de maiores recursos, e por isso de maiores oportunidades, o que os leva a ter bom nível de vida, aqueles que possuem menos

recursos não terão as mesmas oportunidades, podendo acabar em situações de pobreza. No entanto, a pobreza não é algo natural, mas sim socialmente construído. É uma consequência de uma sociedade desigual, ou seja, assim como se constrói, através de um sistema económico e político injusto, também se pode acabar com ela.

Nos meus objetivos estava também conhecer várias entidades que prestam auxílio a pessoas em situação de pobreza, que passam por dificuldades económicas, mas que não devem ter menos oportunidades que os restantes cidadãos.

Neste sentido é importante que se abordem estes temas nas escolas, com as crianças, para estas começarem a refletir, desde cedo, sobre estas realidades sociais e se consciencializarem que podem participar na defesa de uma sociedade mais justa, na qual todos temos os mesmos direitos, acabando com a pobreza que é uma violação dos direitos humanos.

### **1.1.2. Questões de investigação**

Para este trabalho de investigação procurei obter respostas às questões:

- Qual é a perceção de crianças do 6º ano relativamente à pobreza e desigualdades?
- Quais as consequências da pobreza e das desigualdades?
- Quais as formas de lutar contra a pobreza e as desigualdades?

De forma a responder a estas questões foram realizadas várias intervenções onde foram realizadas várias atividades com os alunos que os ajudou a chegar ao problema final “ A pobreza como violação dos direitos humanos”.

### **1.1.3. Objetivos de investigação**

Com o estudo pretendia promover a reflexão sobre desigualdade no acesso a oportunidades devido a questões financeiras, promovendo ainda um pensamento sobre as formas de combater este problema.

Deste modo os principais objetivos deste estudo são: i) perceber que as situações de riqueza e de pobreza se podem traduzir em desequilíbrios na sociedade ao nível da satisfação das necessidades dos seres humanos; ii) compreender a interdependência entre desigualdades, pobreza e exclusão social; iii) conhecer instituições de âmbito local, nacional e internacional que atuem no combate à pobreza e à exclusão social; iv) apresentar exemplos de ações concretas de combate à pobreza e à exclusão social aos níveis local e global.

## **1.2 Motivação**

O motivo pelo qual decidi optar pelo estudo deste tema deve-se ao facto de, desde sempre me interessar por este tema dos Direitos Humanos. Apesar de todos os subtemas terem a sua importância, interessei-me mais pela pobreza. Não só por ser um problema a nível mundial, que se tem agravado com o atual contexto da pandemia, mas também pelo facto de saber que, tal como eu, há muitas pessoas que são privilegiadas e que tiveram a sorte de ter acesso a uma série de oportunidades que o nosso contexto tem para nos oferecer. Estas oportunidades deveriam fazer de nós cidadãos e cidadãs mais responsáveis e ativos na nossa sociedade. A nossa intervenção deveria ser guiada pelo desejo de que todas as pessoas possam ter o acesso a tudo o que têm direito, pois todas deveríamos ter os mesmos direitos, as mesmas oportunidades, de acesso à educação, à saúde, entre outros. Isso não acontece, apesar de serem direitos assentes na Declaração dos Direitos Humanos. Esta desigualdade no acesso a oportunidades leva a que estas pessoas não sejam tão bem sucedidas como gostariam, o que os leva a passar por mais dificuldades e a poder atingir uma situação de pobreza.

Como sociedade culta e solidária temos obrigação de combater este problema e garantir que todos têm as mesmas oportunidades de acesso.

Desta forma, com este trabalho de investigação pretendo que os alunos percebam que a pobreza não é algo natural e que deve ser combatida de forma que todos possam ter o privilégio de decidir em liberdade a sua vida.

## **CAPÍTULO II-Fundamentação teórica**

---

## 1.A pertinência de educar para a Cidadania

A educar para a cidadania tem sido uma das preocupações dos professores e dos sistemas educativos, refletindo-se numa preocupação em educar para os costumes, atitudes, posturas e relações com os outros e o mundo. Assim o modelo escolar e o sistema escolar público consagraram a escola como o espaço privilegiado para a socialização das crianças e dos jovens e para a interiorização dos valores fundamentais, quer individuais, quer sociais. (Martins & Mogarro, 2010)

A Educação para a Cidadania procura combater o individualismo das sociedades modernas. E tal como refere Ana Romão, promove o reconhecimento dos nossos direitos e deveres enquanto cidadãos, consciencializando os alunos para a importância dos valores democráticos como a solidariedade, a liberdade, a fraternidade, o diálogo, o respeito pelas diferenças. (Romão, 2020)

Esta mesma autora, refere ainda que perante a ameaça a valores como a paz, a igualdade e os Direitos Humanos, torna-se cada vez mais importante a promoção da educação para a cidadania.

Jacques Delors refere quatro pilares da educação, para garantir uma paz global e duradoura: aprender a conhecer, a fazer, aprender a ser e a conviver.

Aprender a viver juntos significa “desenvolver uma compreensão de outras pessoas e um apreço pela interdependência - realizando projetos conjuntos e aprendendo a gerir conflitos – em um espírito de respeito pelos valores de pluralismo, compreensão mútua [...] paz e diversidade cultural.” (UNESCO, 2015, p. 3).

A prática da Cidadania, implica uma tomada de consciência para a intervenção e transformação social, traduzindo-se em comportamentos e modos de estar na sociedade e tem como referência os direitos humanos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, crítico e criativo. A escola é um dos mais importantes atores na aprendizagem e o exercício da cidadania pois o seu principal objetivo é contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas e solidárias. (DGE, 2013)

Educar para a cidadania é cada vez mais uma prioridade a nível europeu, neste sentido o seu currículo está presente em todas as escolas. O relatório Eurydice, destaca quatro áreas de competências na educação para a cidadania: interagir de forma eficaz e construtiva com os outros, pensar de forma crítica, atuar de forma socialmente responsável e agir de forma democrática. (Eurydice, 2017)

Educar para a cidadania ajuda os alunos a tornarem-se cidadãos ativos, informados e responsáveis, capazes de assumirem as responsabilidades por si e pelo seu meio envolvente. Para além disso, ajuda-os a compreender o papel das instituições, a adquirirem competências para desempenharem deveres sociais e políticos no seu futuro.

Como refere o relatório Eurydice 2017, a educação é muito mais do que ensinarmos aos alunos os problemas políticos do seu país. É também saber refletir, saber ouvir as opiniões dos outros e argumentar. Assim, a educação para a cidadania não se foca apenas numa vertente teórica, mas também prática, encorajando os alunos à participação democrática, a tornarem-se cidadãos ativos.

Para Maria José Martins e Maria João Mogarro alertam-nos para o facto de a sociedade atual representar “determinados paradoxos ou desafios que a educação tem que enfrentar no século XXI e que justificam plenamente a educação para e na cidadania...” (Martins & Mogarro, 2010)

A Educação para Cidadania permite que os alunos entendam as estruturas do governo, os direitos e as responsabilidades internacionais, questões globais e relações entre sistemas e processos globais, nacionais e locais, para além de reconhecer as diferenças e identidades como é o caso da cultura, língua, género, religião e humanidade, ajuda-os a desenvolver e aplicar as competências cidadãs básicas, a reconhecer e analisar crenças e valores e como influenciam as decisões políticas e sociais, a desenvolver atitudes de interesse e empatia pelos outros, a adquirir valores de equidade e justiça social, assim como analisar desigualdades e por fim, a contribuir para a participação de questões globais a nível local, nacional e global.

Assim, para estas, existe uma necessidade de nos relacionarmos num contexto que é cada vez mais multicultural e heterogéneo, ao mesmo tempo que se verifica uma pressão para a homogeneidade e o aumento das incertezas sobre a própria identidade individual. Com isto, é útil e oportuno continuar e aperfeiçoar a natureza interdisciplinar, transdisciplinar e disciplinar da educação para a cidadania. Se alguns aspetos são classicamente abordados em disciplinas específicas, outros ganharão em tempo, perspetiva e metodologia com um tratamento disciplinar específico.

A Educação para Cidadania permite que os alunos entendam as estruturas do governo, os direitos e as responsabilidades internacionais, questões globais e relações entre sistemas e processos globais, nacionais e locais, para além de reconhecer as diferenças e identidades como é o caso da cultura, língua, género, religião e humanidade, ajuda-os a desenvolver e aplicar as competências cidadãs básicas, a reconhecer e analisar crenças e valores e como influenciam as decisões políticas e sociais, a desenvolver atitudes de interesse e empatia pelos outros, a adquirir valores de equidade e justiça social, assim como analisar desigualdades e por fim, a contribuir para a participação de questões globais a nível local, nacional e global.

Educar para a cidadania é importante pois as crianças têm de sentir necessidade e tem de perceber que pertencem a uma humanidade em comum, que partilham os mesmos valores, responsabilidades e que possuem os mesmos direitos, tem de saber mostrar empatia pelos outros, ser solidários e respeitar as diferenças e a diversidade.

Um dos fatores que afeta o desenvolvimento da aprendizagem da cidadania nas escolas é a falta de formação de professores nesta área de ensino. “No entanto, apesar do progresso nos últimos anos, quase metade dos países ainda não introduziu regulamentos ou recomendações sobre a inclusão da Educação para a Cidadania na formação inicial de professores.” (Eurydice, 2017)

Não havendo formação nesta área para os professores, estes terão as suas competências limitadas, não estando preparados para ensinar e avaliar os alunos. Apesar deste relatório se focar nas aprendizagens dos alunos, é inegável o importante papel dos professores no processo de aprendizagem dos alunos, uma educação que se



pretende transversal, em diversos espaços da escola, tanto dentro como fora da sala de aula.

## **2 . Enquadramento Internacional**

### **2.1. Objetivos de desenvolvimento sustentável**

Com o intuito de transformar o mundo, a 1 de janeiro de 2016 entrou em vigor a resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) denominada “Transformar o nosso mundo: Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável”. Esta é constituída por 17 objetivos divididos em 169 metas, e foram aprovados pelos líderes mundiais, a 25 de setembro de 2015 numa cimeira na sede ONU.

Segundo o secretário-geral da ONU:

Os 17 Objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) são a nossa visão comum para a Humanidade e um contrato social entre os líderes mundiais e os povos. São uma lista das coisas a fazer em nome dos povos e do planeta, e um plano para o sucesso. (Ki-moon, 2021).

Assim, os ODS visam resolver as necessidades das pessoas, não só nos países ditos desenvolvidos, mas também nos países ditos em desenvolvimento de forma que nenhum país seja deixado para trás. Estes foram pensados a partir do sucesso dos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM) implementados entre 2000 e 2015, pretendem ir mais além e terminar com todas as formas de pobreza.

# OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



Figura 8- Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Esta agenda aborda vários temas do desenvolvimento sustentável, desde a nível social, como económico e ambiental e pretende promover a paz, a justiça e instituições. O principal objetivo dos governos é que esta transformação se torne numa realidade para todos os países.

Segundo os ODS, até 2030 pretende-se, erradicar a pobreza extrema em todos os países, reduzir para metade a proporção de homens, mulheres e crianças de todas as idades que vivem em situação de pobreza, implementar medidas de sistema de proteção social adequados, garantir a todos os cidadãos, particularmente os mais pobres que tenham os mesmos direitos de acesso aos recursos económicos, bem como aos serviços básicos, aumentar a resiliência dos mais pobres, garantir a mobilização de recursos a partir de várias fontes, acabar com a fome e garantir o acesso a alimentação a todas as pessoas, duplicar a produção agrícola e garantir um sistema de produção de alimentos, aumentar o investimento da infraestruturas rurais, e, por fim, adotar medidas para garantir o funcionamento adequado e justo dos mercados.

No objetivo 4 da Agenda 2030, dedicado à Educação, podemos encontrar uma referência à cidadania, nomeadamente à cidadania global , em particular na Meta 4.7:

...que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e da não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável . (ODS, 2015).

## 2.2 Cidadania Global

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) é uma organização democrática que visa o debate de ideias e a troca de conhecimento e experiências e foca-se na participação de toda a população na construção de uma sociedade que seja baseada em valores democráticos, justiça, tolerância, respeito e liberdade. Deste modo esta organização apoia vários programas que apoiam uma cidadania em que todos participam da tomada de decisões e que favoreçam o desenvolvimento sociocultural e económico de cada país.

O conceito de Educação Cidadania Global foi introduzido, em 2012, pela UNESCO na *Global Education First Initiative*. Este a acredita que todas as crianças devem ter todas as oportunidades para sobreviver e prosperar na educação, tem como objetivos influenciar a matrícula de crianças que não frequentam o ensino, apoiar o desenvolvimento da educação, para que as crianças que frequentam a escola permaneçam na escola e tenham oportunidade de aprender e desenvolver apoio financeiro para as escolas. A iniciativa teve assim três prioridades: permitir o acesso à educação a todas as crianças, melhorar a qualidade de aprendizagem e promover a cidadania global. .

A UNESCO refere que “ECG é construída com uma perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. Não é voltada apenas para crianças e jovens, mas também para adultos.” (UNESCO, 2015, p. 16). Para além disso,

A ECG visa a equipar alunos de todas as idades com valores, conhecimentos e habilidades que sejam baseados e promovam o respeito aos direitos humanos, à justiça

social, à diversidade, à igualdade de gênero e à sustentabilidade ambiental. Além de empoderar os alunos para que sejam cidadãos globais responsáveis, a ECG oferece as competências e as oportunidades de concretizar seus direitos e suas obrigações, com vistas a promover um mundo e um futuro melhores para todos. (UNESCO, 2015, p. 2).

Nos seus documentos, a UNESCO, refere ainda que os objetivos da ECG devem incidir sobre as diferentes áreas de aprendizagem e nas três dimensões educativas fundamentais, sendo esta a cognitiva, que visa adquirir conhecimento e pensamento crítico sobre as questões globais, a sócio-emocional, que visa desenvolver um sentido de pertença a uma humanidade comum, e por fim a comportamental, para aprender a agir com eficácia e responsabilidade a nível global. A UNESCO assume que a ECG deve ter um carácter transformador, na medida em que ajuda crianças e jovens a adquirir conhecimento, bem como valores e atitudes, de forma a tornar o mundo mais inclusivo, justo e pacífico. (Goals, 2017)

Tal como refere a Inter-agency Network for Education in Emergencies, “O objetivo da educação para a cidadania global é capacitar os alunos e alunas com conhecimentos, competências, valores e atitudes necessárias à participação ativa, positiva e responsável a nível local, nacional e global.” (INEE, s.d.).

A cidadania global estimula o respeito e ajuda a população a tornar-se indivíduos globais, ativos e responsáveis de modo a assumir um papel ativo na nossa sociedade de forma a resolver os desafios globais. O objetivo da cidadania global é despertar para uma transformação social e estar preparado para os desafios atuais.

Apesar das diversas interpretações de Cidadania Global, existe uma questão em comum entre todas, sendo, um sentimento de pertencer a uma sociedade e promover um “olhar mais global”. (Organização das Nações Unidas para a Educação, 2014)

Deste modo Cidadania Global é garantir a todas as sociedades um mundo mais justo, digno, inclusivo e sustentável.

### 3. Enquadramento Nacional

#### 3.1. O papel da Cidadania nas últimas reformas educativas em Portugal

A Cidadania Global, como aprendizagem foi assumida num documento político a 26 de novembro de 2009 no Diário da República, na Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento 2010-2015 (ENED), que tem como objetivo, “promover a cidadania global através de processos de aprendizagem e de sensibilização da sociedade portuguesa para as questões do desenvolvimento, num contexto de crescente interdependência, tendo como horizonte a ação orientada para a transformação social” (ENED - Despacho n.º25931/2009, p. 48398).

No sistema educativo, a abordagem destas temáticas está geralmente entregue à área da Educação para a Cidadania.

No decreto-lei n.º139/2012 de 5 de julho, no qual o Ministério da Educação refere as competências que os alunos devem adquirir, estabelece-se o caráter transversal da “Educação para a Cidadania”- colocando a integração curricular destas temáticas sob a responsabilidade dos docentes. Este documento é complementado pelas Linhas Orientadoras da Educação para a Cidadania, também de 2012 onde estão apresentadas as 15 áreas de temáticas da Educação para a Cidadania, sendo a Educação para o Desenvolvimento uma destas áreas.

Neste contexto, em 2012 foi assinado um Protocolo de Colaboração entre a Direção Geral da Educação (DGE) e o Camões- Instituto de Cooperação da Língua (CICL) que teve como objetivo a consolidação da ED em todos os níveis de ensino. Este contrato estabelecia a elaboração do *Referencial em Educação para o Desenvolvimento* e, a elaboração de cursos de formação contínua, nesta área para docentes.

No ano letivo 2017-2018, segundo o Programa do XXI Governo Constitucional para a área da educação, foi autorizada a implementação de um projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular no ensino básico e secundário, em regime de experiência pedagógica, englobando os estabelecimentos de ensino tanto públicos como privados e

ancorado em documentos como o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho) e a *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania* (Despacho n.º 6173/2016, de 10 de maio)

Deste modo, o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, aprovado a 26 de junho de 2017, serve como referência do desenvolvimento curricular e do trabalho que cada escola deve desenvolver com os seus alunos, respondendo a todos os desafios da sociedade: sustentabilidade, interculturalidade, igualdade, participação na vida democrática e criatividade. Sendo a escola o local de aprendizagem cabe a esta o desenvolvimento destas competências

Assim o objetivo das Áreas de Competências e os valores vinculados no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* são de criar cidadãos ativos e começando com a prática de cidadania ao longo do seu crescimento, para além estas destacam os conhecimentos e capacidades que cada aluno deve desenvolver.

A *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania* (Despacho n.º 6173/2016, de 10 de maio) “apresentou-se como uma nova oportunidade para estas temáticas...” onde:

os professores têm como missão preparar os alunos para a vida, para serem cidadãos democráticos, participativos e humanistas, numa época de diversidade social e cultural crescente, no sentido de promover a tolerância e a não discriminação, bem como de suprimir os radicalismos violentos (Ensino Básico e Secundário. *Cidadania e Desenvolvimento*, 2017, p. 2).

Este documento propõe a criação de uma componente curricular de Cidadania e Desenvolvimento, que tem como objetivo preparar os alunos para serem indivíduos humanistas, assim está formação humanista por parte dos professores essencial tendo de ter formação na área da cidadania e várias metodologias e experiência na coordenação de equipas pedagógicas, pretendendo-se assim que os alunos e as alunas,

realizem aprendizagens através da participação plural e responsável de todas e todos na construção de si como cidadãs/ãos e de sociedades mais justas e inclusivas, no quadro da democracia, do respeito pela diversidade e da defesa dos Direitos Humanos. (Coelho, 2020, p. 6)

No que diz respeito aos domínios da Educação para a Cidadania estes estão organizados em três grupos, que contribuem para especificar as áreas de competência definidas no Perfil dos Alunos à saída da Escolaridade Obrigatória. Estes são:

- Um, obrigatório para todos os níveis e ciclos de escolaridade, no qual se tratam áreas transversais e longitudinais como, os direitos humanos, a igualdade de género, a interculturalidade, o desenvolvimento sustentável, a educação ambiental e saúde.
- O segundo, que abrange pelo menos dois ciclos do ensino básico e foca-se nos seguintes temas : a sexualidade, os media, instituições e participação democrática, literacia financeira e educação para o consumo, segurança rodoviária e risco.
- O último grupo de cariz opcional em qualquer ano de escolaridade, e aborda temas como: bem-estar animal, empreendedorismo, mundo do trabalho, segurança, defesa e paz e voluntariado.

Apesar de todas estas temáticas assumirem igualmente um papel importante na sociedade, optei por me focar no domínio dos Direitos Humanos, sendo este um domínio obrigatório para todos os níveis de escolaridade. Para além disso, é um domínio essencial, visto que, ajuda a tornamo-nos melhores cidadãos, mais participativos, mais democráticos, e acima de tudo, mais humanos com os outros.

## 4.1 Direitos Humanos

A Declaração Universal dos Direitos humanos, foi redigida por representantes de todas as culturas de todas as regiões do mundo. Foi proclamada a 10 de dezembro de 1948 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, e defende que os DH são fundamentais e devem ser protegidos universalmente, para além de serem um tema transversal em todas as políticas e programas da ONU nas principais áreas de paz e segurança, desenvolvimento, assistência humanitária e assuntos económicos e sociais. Depois disso, as Nações Unidas foram expandindo a Declaração de DH, de modo a abranger mulheres, crianças, pessoas com deficiência, minorias e outros grupos vulneráveis. (Nações Unidas, 2004)

Os Direitos Humanos, são direitos pertencentes a todos os seres humanos, independentemente da cor de pele, sexo, nacionalidade, etnia, idioma e religião . incluem o direito à vida e à liberdade de opinião e expressão, o direito ao trabalho e à educação. Todos têm direito a estes direitos, sem discriminação. Uma das grandes conquistas das Nações Unidas foi a criação da Declaração dos Direitos Humanos, neste estão presentes os direitos internacionalmente aceites, alguns países já introduziram nas suas constituições esta declaração. Esta também estabeleceu mecanismos de promoção e proteção desses direitos.

O termo Direitos Humanos reflete as necessidades básicas que um individuo deve ter como base para sobreviver dignamente, debruçando-se assim em temáticas como, a igualdade, a liberdade, o respeito e a justiça. Estes aplicam-se de igual forma a todos os cidadãos, pois são universais.

Uma forma de promover o respeito pelos Direitos Humanos são as escolas, tal como refere Patrícia Brander o “Ensino e educação para promover o respeito por estes direitos e liberdades” é a base da Educação para os Direitos Humanos (EDH).” (Brander et al., 2016)

A UNESCO apoia o Programa Mundial para a Educação em Direitos Humanos, considerado fundamental que haja uma Educação para a Paz e os Direitos Humanos nas regiões onde o clima de discriminação, violência e injustiça é mais frequente.



Um dos instrumentos mais importantes para o desenvolvimento de uma Educação para a Paz e os Direitos Humanos é a Rede de Escolas Associadas da UNESCO, que para além de promover uma educação inclusiva e equitativa, apoia também projetos educativos ligados ao respeito e à paz. Em Portugal, a Rede de Escolas Associadas apoia 95 escolas e estas têm estado envolvidas em vários projetos de temáticas diferentes, como é o caso da prevenção do património cultural e dos recursos naturais e a importância do diálogo para acabar com a discriminação e a violência. (UNESCO C. N., s.d.)

Em 2002, no âmbito do Programa de Educação para os Direitos Humanos com Jovens da Direção da Juventude e do Desporto do Concelho da Europa, foi publicado o *COMPASS*, Manual de Educação para os Direitos Humanos com jovens, este foi criado para promover a igualdade para todos e para além disso é um valor fundamental para a formação de uma cidadania democrática para todos os jovens, bem como promover os Direitos Humanos universais. O *COMPASS* é uma referência para muitos jovens e é utilizado em várias escolas.

Segundo a Estratégia Nacional Educação para a Cidadania, (2021)

Os Direitos Humanos, enquanto domínio da Educação para a Cidadania - Cidadania e Desenvolvimento, visam promover uma cultura de direitos humanos e de liberdades fundamentais, em todos os aspetos da vida das pessoas, contribuindo para que as crianças e os jovens adquiram os conhecimentos, capacidades, valores e atitudes que lhes permitam compreender, exercer e defender os Direitos Humanos, assumindo o respeito por estes como responsabilidade de todas as pessoas, em prol de um mundo de paz, justiça, liberdade e democracia.

O domínio dos Direitos Humanos é muito amplo e pode abranger muitos outros subtemas, sendo alguns destes a igualdade de género, interculturalidade, saúde, educação, discriminação desigualdades mundiais, pobreza, cidadania e participação, religião, entre outros. Porém, este estudo será focado apenas nas desigualdades, mais concretamente na pobreza. (Pinheiro Gomes dos Santos et al., 2019)



## **Capítulo III - Metodologia de Investigação**

---

## Introdução

Neste capítulo, serão apresentadas as metodologias de investigação para a realização do presente estudo, bem como os procedimentos e a análise da investigação.

### 3.1. Opções metodológicas

O estudo tinha como finalidade investigar o que os alunos pensavam sobre o tema em questão. Desta forma, a melhor metodologia a seguir foi o estudo de caso. Assim segundo Vale,

o estudo de caso é uma metodologia adequada quando as questões do "como" e "porquê" são fundamentais, quando o investigador tem muito pouco controlo sobre os acontecimentos e quando o objecto do estudo é um fenómeno que se desenrola em contexto real e para o qual são necessárias fontes múltiplas de evidência para o caracterizar. (Vale, 2004, p.19)

A investigação do estudo de caso tem características particulares, porque se foca numa situação particular, ou seja, “o caso”. O caso é importante pelo que revela acerca do fenómeno e daquilo que ele representa, para além disso, concentra-se em grupos particulares de pessoas que se confrontam com problemas específicos. Para além de particulares também são descritivos, pois o produto final de um estudo de caso é uma descrição detalhada daquilo que se pretende interpretar, os significados do fenómeno em estudo. (Vale, 2004)

Existem dois grandes tipos de investigação, a quantitativa e a qualitativa. A metodologia utilizada para este estudo foi a da investigação qualitativa, visto que se trata de uma metodologia de carácter descritivo e interpretativo, com observação participante, procurando a compreensão mais profunda dos problemas. Este tipo de metodologia centra-se na “busca dos significados, a construção indutiva da teoria, o papel central assumido pelo investigador”. (Coutinho C. P., 2014, p. 19)

A investigação qualitativa pretende angariar conhecimento suficiente que nos faça chegar à compreensão ou explicação de um fenómeno. Assim tal como refere Vale, “ os processos de observar, registar, analisar, refletir, dialogar e repensar são partes essenciais da investigação que pensarmos ser mais adequada”. (Vale, 2004, p. 5)

A abordagem qualitativa tem um carácter de exploração, em que “(...) o investigador pode assumir papéis diferentes, dependendo dos objetivos que ele pretende atingir, podendo ser mais ou menos participante nesse contexto(...) o observador qualitativo também pode se envolver em papéis que variam de não-participante até integralmente participante.” (Alves, 2017)

Assim, o investigador seleciona os papéis e as técnicas que mais lhe convêm, de acordo com os objetivos do seu estudo, para obter as notas dos comportamentos e atividades da população que está a ser investigada.

De acordo com esta metodologia, este estudo foi organizado em várias etapas, mantendo sempre uma lógica de progressão e de reflexão. Numa primeira fase, a identificação do problema em questão, de seguida a construção das questões de investigação, a idealização das atividades que foram implementadas e por fim a concretização das mesmas, bem como a sua reflexão. Depois de realizada a recolha de dados, durante a implementação das atividades, prosseguimos para a sistematização e análise dos mesmos.

## 3.2. Descrição do estudo

O presente estudo baseou-se nos dados recolhidos em oito intervenções com foco na temática dos Direitos Humanos, nomeadamente sobre a pobreza e as desigualdades.

Procurou-se, nestas oito intervenções, estabelecer uma linha condutora educativa, mas também, com a intenção da progressão do estudo, como se descreve em seguida.

### 1.ª Intervenção

Numa primeira fase, foi pedido aos alunos que redigissem uma carta a um amigo colocando-se no lugar de uma pessoa pobre, contando a sua história de vida. Foram dados tópicos para a elaboração da mesma.

O objetivo principal desta tarefa foi perceber os estereótipos de cada aluno e a ideia que tinham sobre os conteúdos selecionados para este estudo.

### 2.ª Intervenção

Num segundo momento foi realizada uma dinâmica, na qual os alunos teriam de dar um passo em frente tendo em conta a sua personagem e as afirmações que a professora ia dizendo.

Esta tarefa teve como objetivo compreender que uma pessoa pobre não tem as mesmas oportunidades que pessoas mais privilegiadas, apesar de ambas serem detentoras dos mesmos direitos, quer pela Declaração dos Direitos Humanos, quer pela Constituição Portuguesa. Para além disso, refletiu-se que esta desigualdade raramente é baseada no mérito, sendo, quase sempre, consequência do meio no qual nasceu.

Através desta tarefa os alunos puderam desenvolver capacidades de criatividade e pensamento crítico e a empatia com as pessoas vítimas destas desigualdades.

### 3.ª e 4.ª intervenções

Na terceira e quarta etapas deste percurso, os alunos tiveram de realizar um trabalho de pesquisa em pequeno grupo, sobre a pobreza a nível nacional.

O objetivo desta tarefa foi desenvolver um trabalho de forma a aprofundarem melhor o assunto. Ficarem a conhecer dados sobre a pobreza, refletirem sobre causas e consequências, e formas de intervenção nestas problemáticas bem como as principais organizações nacionais e internacionais envolvidas.

### 5.ª intervenção

Nesta sessão, os alunos receberam a visita de um membro do grupo local da Amnistia Internacional de Viana do Castelo.

Esta palestra teve como objetivo conhecer a forma como trabalha esta entidade, os projetos, o que fazem para defender a causa dos Direitos Humanos e perceber como se pode agir. Para além disso ficaram a saber que existem outras entidades que trabalham estes assuntos.

### 6.ª intervenção

Na sexta intervenção, foi pedido aos alunos que preenchessem um pequeno questionário sobre a sessão anterior, tendo como objetivo perceber quais as principais ideias que os alunos retiveram.

### 7.ª intervenção

Nesta sessão cada grupo apresentou o trabalho de pesquisa elaborado ao longo das intervenções anteriores.

### 8.ª intervenção

Para finalizar a recolha de dados, os alunos tiveram de reescrever as cartas realizadas inicialmente, seguindo os mesmos tópicos, sendo o objetivo o de perceber se o que idealizaram inicialmente se tinha mantido ou se a sua opinião mudou e como.

### 3.3. Caracterização dos participantes

O presente estudo realizou-se numa turma do 6.º ano de escolaridade, numa escola do concelho de Viana do Castelo. Participaram neste estudo vinte alunos com idades entre os doze e os treze anos, sendo quinze do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Um dos alunos tinha Necessidades Educativas Especiais (NEE) e só participava, na turma, na disciplina de *Cidadania e Desenvolvimento*. Este aluno realizava as mesmas atividades que o resto da turma, tendo ajuda da sua professora. A forma de escrever a carta foi adaptada, sendo que este utilizou imagens para simbolizar as palavras. O estudo foi realizado no âmbito da *Cidadania e Desenvolvimento*, visto que o tema presente neste estudo pertence a essa área de educação.

Os alunos não mostraram qualquer tipo de dificuldade na realização das tarefas propostas para a realização do estudo, mostrando-se sempre uma turma interessada e participativa. Trata-se de uma turma um pouco faladora, porém o barulho devia-se ao facto de quererem participar e dizer a sua opinião.

### 3.4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Selecionadas as questões de investigação, segue-se a recolha de dados. Nesta parte o investigador recolhe todas as informações necessárias para a realização do estudo.

Como refere Clara Coutinho ‘metodologia’, ‘métodos’ e mesmo ‘técnicas’ são termos que surgem na literatura para designar os diversos meios que ajudam e/ou orientam o investigador na busca do seu conhecimento”. (Coutinho C. P., 2014, p. 26).

A recolha de dados é uma fase crucial para a investigação, e existem algumas técnicas que nos podem ajudar. O investigador tem vários métodos para recolher dados, mas, na linha da investigação qualitativa, são mais utilizadas as observações, as entrevistas e a análise de documentos. Para a investigação qualitativa é essencial



“observar, registar, analisar, refletir, dialogar e repensar”, para isso devemos começar por identificar o problema para conseguirmos orientar o estudo. (Vale, 2004, p.5)

Como refere Vale (2004), a recolha de dados é conduzida por um período de tempo, mas estes dados não são imediatamente acessíveis para análise, é necessário serem processados.

Desta forma, para este estudo foram implementadas várias técnicas de recolha de dados. Dentro das técnicas de recolhas de dados existem duas vias principais, as documentais, onde se enquadram a recolha e análise bibliográfica e a recolha e análise documental, e as não-documentais, onde pode encontrar os inquéritos, as entrevistas as análises de conteúdo e as observações diretas ou indiretas.

### **Análise de documentos produzidos pelos alunos**

A análise de documentos, redigidos pelos alunos ou originados pela gravação de áudio e vídeo, foi uma das principais técnicas de recolha de dados utilizadas para este estudo. Foram feitos os registos de várias atividades desenvolvidas com os alunos ao longo das intervenções, permitindo a análise das suas respostas.

Com os documentos podemos obter informações daquilo que não foi observado, pois tal como refere Vale “os documentos servem como substituto de registos de atividades que o investigador não pode observar diretamente.” (Vale, 2004,p.10)

### **Observação**

A observação é uma das técnicas de recolha de dados mais importantes, pois o investigador observa diretamente os indivíduos em estudo e pode retirar outras conclusões, visto que uma coisa é o que este diz e outra o que este realiza nas atividades. “As observações são a melhor técnica de recolha de dados do individuo em actividade, em primeira mão pois permitem comparar aquilo que diz, ou o que não diz, com aquilo que faz.” (Vale, 2004, p. 9)

Esta técnica está centrada “na perspectiva do investigador, em que observa em directo e presencialmente o fenómeno em estudo” (Coutinho C. P., 2009, p. 19). Com esta técnica o indivíduo observa a realização da atividade e pode reter outras informações que não estão presentes por escrito.

Este método foi utilizado para este trabalho, visto que durante a realização das atividades, foi possível retirar algumas informações que não foram registadas por escrito, que vieram a contribuir para a investigação.

## **Questionário**

O questionário também foi uma forma de recolha de dados deste estudo, visto que para verificar a informação mais significativa para os alunos, sobre a palestra realizou-se um pequeno questionário.

Este tem a mesma intenção do que uma entrevista e é um dos métodos mais usados na investigação pois, tal como refere Vale “são fáceis de administrar, proporcionam respostas diretas sobre informações, quer factuais quer de atitudes, e permitem a classificação de respostas sem esforço.” (Vale, 2004, p. 9)

Os questionários são estruturados, e podem ser constituídos por questões abertas ou fechadas.

### **3.4.1 Procedimentos de análise de dados**

Após a recolha de dados, procedemos à sua análise de todo o material recolhido no contexto ao longo do estudo permitindo assim retirar as conclusões finais do estudo. Esta fase é tão crucial como a recolha de dados. Como refere Coutinho (2014, p. 105) “Para a obtenção e análise dos dados, utilizam-se, preferencialmente, técnicas de observação, cujo objetivo é recolher dados no meio natural em que ocorrem ... com a participação ativa do investigador.”

Existem “três grandes componentes da análise de dados: descrição, análise e interpretação.” (Vale, 2004, p. 11), ou seja, primeiramente descrevemos os dados que

recolhemos na sua forma original, questionado os dados recolhidos; na análise procedemos à organização dos mesmos, focando-nos nos aspetos essenciais relativos à descrição; por fim, a interpretação que se dirige, segundo a mesma autora, “ a questões processuais de significados e contexto”. A análise transforma-se em interpretação. “ Ao longo do processo de tratamento dos dados há oportunidade de categorizar, agrupar os dados de forma a interpretá-los.” (Vale, 2004, p. 14).

No presente relatório, de modo a respeitar as normas éticas, cada aluno foi codificado com uma letra do alfabeto, de forma aleatória, como por exemplo, "aluno A", "aluno B", e assim sucessivamente.

## **Em síntese**

Em suma, para este estudo, que tem a forma de um estudo de caso, foi utilizada a metodologia qualitativa que se foca na compreensão e resolução de problemas. Este processo passa por etapas como observar, registar, analisar e refletir.

Como já referido, foram realizadas oito tarefas, cada uma com a intencionalidade de recolher informações para a elaboração do presente estudo. Foram realizadas atividades de pesquisa, de reflexão e observação. Ao longo das tarefas foi possível perceber a evolução da opinião dos participantes. Este estudo foi realizado numa turma do 6.º ano de escolaridade e contou com a participação de vinte alunos.

Por fim, após todos os dados recolhidos foi realizada a análise dos materiais obtidos para assim retirar as conclusões finais. Podemos observar essa etapa no capítulo que se segue.

## **Capítulo IV- Apresentação e discussão dos resultados**

## **Análise dos Dados**

Finda a recolha de dados, procedemos à análise das tarefas realizadas no intuito de estabelecer uma comparação e perceber o que mudou desde a primeira tarefa até à última.

### **Tarefa 1- Carta para um amigo**

Para a primeira tarefa do estudo, foi pedido que os alunos escrevessem uma carta a explicar a um amigo de outro planeta a sua situação como pessoa pobre. Para auxiliar os alunos foram-lhes dados alguns tópicos:

- A forma como ficou pobre;
- As suas condições de vida;
- A sua rotina;
- Experiências do dia a dia;
- Dificuldades;
- Relação com as outras pessoas;
- Sentimentos;
- O que é ser pobre.

Pretendeu-se com esta carta perceber as perceções que os alunos tinham acerca do que é a pobreza.

A riqueza do conteúdo das cartas varia, no entanto, foi possível perceber alguns dos pontos de partida da turma.

Em seguida, podemos ver alguns dos exemplos de cartas elaboradas.

7/5/2021

Olá amiga

Olá aqui na terra eu fiquei pobre, por causa de um ladrão roubou o dinheiro todo.

Eu só tenho uma refeição por dia e a minha casa é de latão.

No dia-a-dia eu trabalho, na festa quero na da da comida.

Todos os dias eleger e não dá para dormir sempre o meu gato ele agita na casa e de manhã, a festa dentro de casa.

As pessoas são amigas das pessoas e comida mas não chega mais ninguém mais - me feliz, por saber que a pessoa no mundo que ajuda seu pobre é digno e problema o três de problema.

Eu espero que esteja bem

Carta

4 Maio 2021

Olá ~~amiga~~ Roberto Especial!

Lembras-te quando te disse que estava rico, mas agora não estou.

Fui despedido, e quando tinha o dinheiro gastei-o todo.

Agora, estou pobre a viver na rua.

As minhas necessidades de vida são muito mais, vivo na rua namoramente tenho banco, porque para ter um banco tenho que ir ao rio, e não há muitos rios por perto.

Todos os dias, acordo às 6h da manhã e preparo a minha venda de feijão. Fico até ao meio dia a tentar vender. Raramente vende alguma coisa.

Depois algumas pessoas simpáticas oferecem-me comida e eu agradeço. Da parte de tarde também faço a venda. Há noite de sono no chão e como-me com um estômago que eu encontro.

Todos os dias vivo a mesma coisa.

Como sabes tenho muitas dificuldades em ir tomar banho.

Uma pessoa que é rica, não poupa e depois se chega à pobreza e aprende que se deve poupar e ser sempre simpático porque não sabe de nada ser rico.

A vida de um pobre é muito difícil.

Bom dia

Caro amigo

Olá escrevo-te esta carta porque no outro dia fui assaltado.

Desde que fiquei sem dinheiro, tenho de comer comida de lixo, não tenho água nem eletricidade a nível de coisas que tenho em tu e meu amigo, mas isto é muito triste.

Agora fico na rua a pedir esmola com os outros mendigos.

Depois do dia, não tenho roupa expulsaram-me do meu trabalho.

Acordo de manhã e estou o dia todo na rua, abrigado e dormo lá.

Espero que a tua vida seja muito melhor do que a minha.

Figura 10- Cartas A

Olá, Fz!

Hoje vou contar a minha história da vida.

De manhã costumo comer leite de cabra com pão com manteiga, depois vou à escola fico lá a estudar e ao 5º venho para casa pra fazer de comer aos animais e ordenalhos.

Há noite como salada com azeite e bife tudo no caso vegetal.

A minha família já nasceu pobre e eu vou mudar isto.

Husmano

PE: É melhor que possa fazer ajudar

Eu quando eu fui pobre, gastei o dinheiro todo que tinha. Agora as condições de vida não são boas e tenho de trabalhar todo o dia para ter dinheiro para me alimentar. Eu estou a ter dificuldade de vida porque agora não tenho uma barraca não tenho nada para me aquecer e não sou feliz.

Agora as outras pessoas não falam comigo, sinto-me muito triste. Ser pobre é muito difícil, temos pouca comida e a salvação só chega no fim do mês.

Figura 11- Cartas B

A análise às cartas permitiu dividi-las em dois grupos (figura 10 e 11)-as que denominei como cartas A, sendo estas de alunos que escreveram numa perspectiva de pessoas em situação de sem-abrigo, dizendo que não têm casa, que vivem na rua, não têm amigos, nem qualquer condição digna para um ser humano viver. Por exemplo, numa das cartas pode ler-se “...durmo no chão e cubro-me com um cobertor que encontrei” (aluno/a L).

Contudo, alguns alunos foram mais além desta perspectiva de pessoa em situação de sem-abrigo, como podemos verificar nas cartas que denominei de B. Para estes, pobreza pode significar ter uma casa, eletricidade, água, entre outros bens, porém o dinheiro não é suficiente para as despesas, vivendo-se assim com algumas dificuldades. Nestas cartas podemos também verificar a referência à família tendo já nascido pobre (aluno/a M) e às consequências dessa pobreza “...como não temos dinheiro não consigo ir à escola” (aluno/a L). Isto leva-nos a concluir que alguns alunos têm a noção de que por algumas pessoas passarem mais dificuldades não têm as mesmas oportunidades que os outros, ou seja, por não ter dinheiro poderão não conseguir ir à escola. É possível concluir que, apesar de não ser visível em todos os casos, foi identificada a noção de, que a partir do momento que já se nasce numa família com mais dificuldades, não se irá ter as mesmas oportunidades, pois se a família tiver mais possibilidades irá automaticamente ter mais oportunidades, sendo assim essa uma condicionante.

Seguem, abaixo, as tabelas com a análise das cartas redigidas, de acordo com os tópicos pedidos aos alunos. As mesmas estão organizadas em subcategorias identificadas a partir do que os alunos/as escreveram nas suas cartas.

<b>Razões pelas quais ficou pobre</b>					
<b>Subcategorias</b>	Gastou o dinheiro todo	Desemprego	Teve muitas despesas	Já nasceu pobre	Fui roubado
	50%	20%	10%	10%	10%

Tabela 1-Razões pelas quais ficou pobre

No que diz respeito às razões pelas quais ficaram pobres, a maior parte dos alunos (50%) referiram que foi pelo facto de terem gastado o dinheiro todo. Isto ajuda-nos a concluir que os/as alunos/as associam a pobreza ao gasto do dinheiro. Talvez seja algo que ouvem da parte dos adultos ou por ser algo que presenciem no dia-a-dia. Existe este preconceito de que quem não tem dinheiro tem culpa por não o ter, não tendo a percepção de que pode já nascer de uma família pobre. Podemos confirmar isto através a percentagem de alunos que referiu essa razão, sendo apenas 10%.

<b>As suas Condições de vida</b>			
<b>Subcategorias</b>	Tem casa	Vive na rua	Vive numa barraca
	50%	30%	20%

Tabela 2- Condições de vida

No que concerne às condições de vida, 50% refere que, apesar de estarem a passar dificuldades, têm uma casa, o que nos leva a concluir que muitos não associam uma pessoa pobre a uma pessoa em situação sem-abrigo, mas sim alguém que apesar de ter dificuldades, tem uma casa. Os restantes ou vivem na rua ou numa barraca, sendo as percentagens menores.



Rotina						
Subcategorias	Escola – Trabalha no campo	Pedir esmola na rua	Trabalha/Trabalha no campo	Ajuda nas tarefas - Procura trabalho	Vende na rua	Fica em casa/prática atividades de lazer(passear, ir ao rio...)
	20%	20%	20%	10%	10%	10%

Tabela 3-Rotina

No tópico da sua rotina, registou-se uma maior diversidade de respostas, sendo que as mais numerosas (20%) foram: trabalham no campo, escola-trabalho no campo e pedir esmola. De salientar que a pobreza parece estar associada ao trabalho do campo.

Experiências do dia-a-dia		
Subcategorias	Não faz referência	Pessoas que oferecem comida e roupa
	70%	30 %

Tabela 4-Experiências do dia-a-dia

No que diz respeito às experiências do dia-a-dia 30% dos alunos referiram que uma experiência que viviam no do dia-a-dia era quando alguém lhes oferecia comida e roupa, sendo que os restantes (70%) não referiram nenhuma. Daqui depreende-se a ideia de que as pessoas pobres dependem da bondade das outras pessoas para sobreviverem.

<b>Dificuldades</b>				
<b>Subcategorias</b>	<b>Não faz referência</b>	<b>Higiene/alimentação</b>	<b>Arranjar trabalho</b>	<b>Falta de eletricidade</b>
	40%	30%	20%	10%

Tabela 5-Dificuldades

Nas dificuldades sentidas, a maior percentagem registou-se nos alunos que não referiram nenhuma (40%), mesmo assim 30% referiu que onde sentiam maiores dificuldades era no acesso a cuidados de higiene e alimentação. Importa salientar a ligação entre a pobreza e a dificuldade em encontrar trabalho (20%), o que significa uma percepção de que esse pode ser um motivo para a situação de pobreza. Com menos referências temos a falta de eletricidade (10%).

<b>Relação com as outras pessoas</b>					
<b>Subcategorias</b>	<b>Não tem amigos</b>	<b>As pessoas têm vergonha</b>	<b>Pessoas são amigas</b>	<b>Não faz referência</b>	<b>As outras crianças gozam</b>
	30%	20%	20%	20%	10%

Tabela 6-Relação com as outras pessoas

No que diz respeito à relação com as outras pessoas, a maioria dos dados é negativa, uma vez que existe uma percentagem significativa que diz não ter amigos (30%), que referem a vergonha (20%) e o gozo de outras crianças (10%). Apenas 20% referem que as pessoas são amigas. Pode-se assim concluir que, para eles, ser pobre é também não ter o apoio das pessoas.

Sentimentos			
Subcategorias	Tristeza/Solidão	Não faz referência	Felicidade
	50%	40%	10%

Tabela 7- Sentimentos

Na questão dos sentimentos, podemos ver a relação coma a tabela 6, pois anteriormente os alunos/as referem que não têm amigos, e nesta tabela 50% dos alunos refere que sente tristeza e solidão, sendo reflexo da relação que têm com as outras pessoas.

O que é ser pobre				
Subcategorias	Ter poucas condições	Não ter tudo o que se quer	Não faz referência	É muito difícil/triste
	10%	10%	30%	50%

Tabela 8 - O que é ser pobre

Por fim, no ponto onde tinham de referir o que é ser pobre, para averiguarmos a sua perceção de pobreza, também 50% dos/as alunos/as disse que ser pobre é algo muito triste e difícil. Apenas 10% referiu que era ter poucas condições. Podemos concluir que a turma valorizou mais as questões sentimentais do que as materiais.

Em suma, após a análise das cartas iniciais podemos concluir que a perceção dos/as alunos/as sobre a pobreza é muito superficial e pouco consistente. Uma pequena parte associam-na à falta de condições e ao facto de já nascerem numa família pobre.

## **Tarefa 2- Jogo “Dá um passo em frente”**

A segunda atividade foi realizada com base num jogo de papéis, que ficou registado em vídeo. Esta consistiu em colocar as crianças em linha, encostadas a uma parede. Cada aluno/a tinha na sua posse um cartão com um personagem, com diferentes histórias de vida. Por exemplo, poderiam ser um imigrante ilegal, um filho de pais cozinheiros, filho do gerente do banco local e estudar Economia na universidade, um filho do embaixador americano, uma pessoa refugiada, entre outros personagens.

Depois da distribuição dos personagens, a PE foi fazendo afirmações e cada aluno/a tinha de decidir se dava ou não um passo em frente, dependendo de essa afirmação ser verdade ou não na sua vida. Estas afirmações estavam relacionadas com o acesso a certos bens essenciais e a serviços, como por exemplo, “tem uma casa decente com telefone e televisão”, “nunca lhe faltou dinheiro”, “pode ir de férias uma vez por ano”, “tem acesso a serviço de saúde”, “tem água potável e energia elétrica”, “nunca se sentiu discriminado por ser quem é”, entre outros. Se a frase fosse verdade para o seu personagem, teriam de dar um passo em frente, se não fosse o caso, deveriam permanecer no seu lugar.

No final da atividade, foi pedido aos alunos/as que olhassem em seu redor, e que tirassem as suas conclusões. Cada aluno teve a oportunidade de explicar o seu ponto de vista, de forma a auxiliar esta reflexão. Verificou-se que os alunos não ficaram todos no mesmo lugar, sendo que uns avançaram bastante e outros quase nem saíram do sítio. Alguns dos alunos/as, apesar de terem muitas oportunidades, não deram muitos passos em frente, justificando que pelo facto de, comparando com os colegas, terem mais acessos se tinham sentido mal.

O aluno/a que recebeu o personagem “filho de pais desempregados”, referiu algo que colocou a turma a refletir:

***“A nossa situação é complicada. A vida não é fácil, a vida é apenas a vida, às vezes é má, às vezes é boa, justa é que não é!” ( Aluno/a L)***

Esta afirmação levou os alunos a concluir que, de facto, apesar de todos termos legalmente os mesmos direitos, isso não acontece na prática, e que a família onde crescemos pode condicionar as nossas experiências no presente e o sucesso no futuro. Se a nossa família não tiver tantas oportunidades, nós também não iremos ter, o que é injusto, visto que todos temos os mesmos direitos e deveríamos ter as mesmas oportunidades.

Foram colocadas algumas questões aos alunos, das quais salientamos:

- **Porque é que acham que algumas personagens andaram mais que outras?**

*Resposta do aluno/a S:* “Uns têm mais oportunidades que outros.”

*Resposta do aluno/a L:* “A religião e a cor de pele podem afetar as oportunidades que cada um de nós tem.”

*Resposta do aluno/a M:* “Uns são pobres e outros são ricos”.

- **Segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos todos nós deveríamos ter os mesmos direitos, e como já reparamos isso não acontece, então o que podemos concluir?**

*Resposta do aluno/a R:* “Por causa das desigualdades, não temos os mesmos direitos.”

- **O que podemos concluir com este jogo?**

Apenas alguns alunos responderem a esta questão, sendo as principais respostas:

*Resposta do aluno/a B:* “As pessoas são todas iguais independentemente da situação em que se encontram.”

*Resposta do aluno/a R:* “Antes de criticar os outros devemos de os conhecer.”

*Resposta do aluno/a S:* “Os pobres podem vir a ter mais liberdade que os ricos.”

*Resposta do aluno/a L:* “A pobreza e a desigualdade são uma violação dos Direitos Humanos.”

É interessante analisar as respostas: o aluno B refere que todas as pessoas são iguais, o que interpretamos como dizendo que todas as pessoas têm os mesmos direitos apesar da situação em que se encontram; a reflexão do aluno R dirigiu-se mais ao facto de julgarmos as pessoas sem as conhecermos, e sem conhecer a sua realidade, muitas vezes não escolhida por si. O aluno S tem uma resposta que levanta algumas questões, uma vez que considera que, as pessoas “pobres”, são as que têm mais liberdade, não têm preocupações e podem fazer o que quiserem, enquanto os “ricos” estão rodeados de preocupações, e sempre dependentes de algo, acabando por não ser livres. Valeria a pena explorar mais o porquê desta resposta não sendo, no entanto, este o espaço para o fazer. Por fim, o aluno L concluiu o que era esperado com esta atividade uma vez que se pretendia que os alunos chegassem à conclusão de que a pobreza é uma violação dos direitos humanos. Apenas alguns alunos conseguiram chegar a esta conclusão, mesmo utilizando expressões diferentes, ilustrando, no entanto, a mesma intenção.

### **Tarefas 3/4- Trabalho de Pesquisa**

Para a terceira tarefa foi pedido aos alunos que, em quatro grupos de cinco elementos, realizassem um trabalho de pesquisa. Este tinha como objetivo que cada grupo recolhe-se informação acerca da pobreza a nível nacional. Assim: um primeiro grupo teria de apresentar dados estatísticos relativos à pobreza em Portugal, um segundo as principais causas de pobreza; um terceiro, as consequências mais referidas da pobreza; e, um quarto grupo teria de apresentar exemplos de instituições e organizações existentes para combater este tipo de causas. Os grupos foram feitos pela PE. Para melhor orientar o trabalho, a cada grupo foi entregue um guião de pesquisa, elaborado pela PE, que pode ser encontrado no Anexo 5. Neste estavam discriminados os passos que os grupos deveriam seguir, bem como sugestões de páginas da internet que deveriam consultar. Para além dos sites e jornais digitais, os alunos tiveram possibilidade de consultar jornais em formato físico.

Visto que a própria escola também promove campanhas contra a pobreza, o grupo IV ficou encarregado de também as analisar.

Em seguida vou referir-me à tarefa 7, deixando as 5 e 6 para mais adiante, por uma questão de maior coerência de análise, uma vez que se refere à apresentação destes trabalhos de grupo.

### **Tarefa 7- Apresentação dos trabalhos**

Nesta etapa, cada grupo teve de apresentar o trabalho de pesquisa elaborado ao longo das aulas anteriores. Foi pedido que cada grupo juntasse aquilo que tinha recolhido, que organizasse a informação e que contruísse um cartaz ou uma apresentação multimédia (em qualquer plataforma), para auxiliar a apresentação da mesma. No entanto, consideramos que esta apresentação final não correspondeu às expectativas.

Apesar de todos terem realizado a pesquisa corretamente, apenas um dos grupos realizou uma apresentação bem estruturada, como tinha sido pedido inicialmente. Os restantes grupos apenas apresentaram os dados recolhidos.

Acreditamos que este problema ficou-se a dever ao facto da PE ter pedido para organizarem a apresentação do trabalho fora do tempo das aulas, uma vez que o tempo de aula foi insuficiente.

Para além disso, foi pedido a cada grupo, no final, para enviarem por correio eletrónico, para a PE, o material que tinham recolhido, mas um dos grupos não atendeu ao pedido, fazendo com que tenhamos de utilizar as notas de observação realizadas ao longo da pesquisa e da apresentação.

O grupo I, que compreendeu melhor o objetivo deste trabalho, realizou uma apresentação que, para além do que foi pedido, a pobreza a nível nacional e os seus dados estatísticos, referiram também causas da pobreza e ainda complementaram com algumas notícias, como podemos verificar na figura 12.

Algumas perguntas sobre a pobreza :

- ▶ Como caracterizas a pobreza em Portugal ?
- ▶ R: A pobreza é a privação das condições necessárias para termos acesso a uma vida digna como ter um trabalho , condições dignas , ter o apoio social para as pessoas que realmente precisam .

- ▶ Qual a evolução da taxa de pobreza em Portugal ? ( apresentando os dados estatísticos )
- ▶ R: A evolução da taxa de pobreza em Portugal em 2020 é de 19,8%, sendo que no sexo masculino (20,2%) existe mais pobreza de que o sexo feminino (19,4). Este ano ainda não temos os dados estatísticos .

- ▶ Nome da noticia :Housing First tirou 211 pessoas da rua em 11 anos
- ▶ Nome do Jornal : Jornal de Notícias
- ▶ Data que foi publicado : Segunda - feira dia 16 de novembro de 2020 .



### Sobre a noticia

- ▶ A noticia fala sobre pobreza e o que aconteceu foi que uma pessoa sem dinheiro para pagar uma casa e sem trabalho ficou na rua mas agora a pessoa esta numa casa melhor porque Housing First a tirou da rua .
- ▶ Housing First tirou 211 pessoas da rua em 11 anos e oferecer - lhes uma casa para poderem dormir .

Figura 9- Excertos da apresentação do grupo I

O grupo II apresentou dados estatísticos presentes em notícias e algumas causas da pobreza em Portugal, respondendo assim de uma forma indireta à questão colocada.

INÍCIO / SOCIEDADE

### O F e os 3 D da pobreza: família, desemprego, divórcio e doença

"A pobreza em Portugal - trajectos e quotidianos" identifica quatro perfis de pobres no país: reformados, precários, desempregados e trabalhadores. Recorrem à entrevista aberta para explicar os números.



© PAULO SPRANZENUNQUIVO/CPH

Cão Neves  
12 Abril 2021 — 00:01

#### TÓPICOS

- ▶ Fundação Francisco Manuel dos Santos
- ▶ Sociedade
- ▶ Exatidão
- ▶ pobreza

Os dados estatísticos indicam que 16,2 % dos residentes em Portugal estavam em risco de pobreza em 2019 - 1,6 milhões de pessoas. Baixou comparativamente a 2016, ano que serve de base ao estudo da Fundação Francisco Manuel dos Santos "A pobreza em Portugal - trajectórias e quotidianos", que tenta perceber a realidade por detrás das estatísticas. Foram definidos quatro perfis de pobres e entrevistadas pessoas de cada um deles, de norte a sul do país. A primeira conclusão é que a pobreza se herda e é agravada pelo divórcio, o desemprego e a doença. E não se pode excluir o contexto socioeconómico.

### Risco de pobreza em Portugal no nível mais elevado desde 2005

Quase dois milhões de pessoas em risco de pobreza. Dados provisórios do INE revelam subida entre famílias com crianças a cargo, desempregados e menores de 18 anos.

Cláudia Bancaleiro

24 de Março de 2014, 12:39

Receber alertas



ADRIANO MIRANDA

Figura 10- Notícias recolhidas pelo grupo, para responder à questão



O grupo III referiu algumas campanhas de apoio a pessoas que estão a passar dificuldades devido à pandemia e referiram o aumento da pobreza extrema. Este grupo, ao longo da pesquisa, questionou a PE se notícias relacionadas com o aumento de preços de serviços estavam relacionadas com as consequências da pobreza. Em vez de responder, a PE pediu que estes refletissem e dessem a sua opinião. O grupo chegou à conclusão de que, a subida de preço dos bens e serviços, nomeadamente, eletricidade e água, estava relacionada com a pobreza, uma vez que várias famílias poderiam deixar de ter acesso aos mesmos por não os poderem pagar.

Por fim, o grupo IV, que tinha a tarefa de referir não só organizações e instituições de apoio, mas também os projetos que a escola organiza e nos quais participa, bem como a análise de organizações e campanhas, não soube explorar o assunto.

#### **Tarefa 5- Palestra por um membro do grupo local da Amnistia Internacional**

De modo a permitir à turma ficar a conhecer o trabalho de uma organização ligada a estas temáticas, e de forma a enriquecerem o seu conhecimento acerca da pobreza, levamos uma pessoa convidada à escola, com o intuito de falar um pouco sobre o tema, contar as suas experiências de vida bem como tirar algumas dúvidas aos alunos. Contamos assim, com a presença de um membro do grupo local de Viana do Castelo da Amnistia Internacional. Esta palestra foi aberta às restantes turmas do 6.º ano de escolaridade.

Foi pedido aos alunos que redigissem algumas questões para colocar à palestrante. Nesta tarefa, os alunos mostraram-se muito interessados, tendo colocado, no momento, outras questões para além das que já tinham sido idealizadas.

Algumas das questões colocadas e exploradas na conferência, foram:

- Percurso profissional da palestrante;
- Locais visitados pela mesma em campanhas de voluntariado; (Guiné-Bissau, Moçambique e Cabo Verde);

- Projetos dos quais fez parte;
- As condições de vida na Guiné;
- A missão da Amnistia Internacional;
- O significado de pobreza para a oradora.

Os alunos, ao colocar estas questões, demonstraram ter vontade em conhecer o que a Amnistia faz na luta contra a pobreza, para eles também poderem ajudar.

### **Tarefa 6- Questionário sobre Palestra do membro da Amnistia**

De forma a recolher dados sobre aprendizagens realizadas com a palestra, os alunos responderam um questionário sobre a mesma. Este questionário pode ser consultado no Anexo 6. Realizaram esta tarefa dezoito alunos.

Duas das questões presentes neste questionário, e consideradas mais revelantes para o estudo foram:

**1. *A palestrante começou por mostrar um Cartoon. O que é que este representava?***

Nesta questão houve muita diversidade de resposta, umas mais complexas que outras. 66,6% dos alunos respondeu de acordo com o que foi refletido na palestra. Estes alunos referiram que a parte de cima do cartoon representava as pessoas “ricas” e que a parte de baixo as pessoas “pobres” e que os que estavam em cima não davam importância aos “pobres”, “não se preocupavam” (Aluno/a V). *“O cartoon representava a desigualdade entre as pessoas pobres e as pessoas ricas.”* (Aluno/a L)

**2. Para ti qual a ideia mais importante que foi referida nesta palestra?**

Para a última questão houve uma grande diversidade de respostas.

Os/as alunos/as referiram que as mensagens mais importantes foram: que devemos ajudar os mais necessitados, outros referiram as experiências que a palestrante tinha, as organizações e outros aspetos que a mesma referiu na palestra. Podemos verificar algumas dessas respostas na tabela que se segue:

<b>Para ti qual a ideia mais importante que foi referida nesta palestra?</b>	
<b>Categorias</b>	<b>Respostas de alguns alunos</b>
<b>Condições de vida</b>	“...as condições em que as pessoas da Guiné-Bissau viviam.”- <b>Aluno L</b> “...pessoas sem condições de vida...”- <b>Aluno R</b>
<b>Vivências</b>	“ A vida da palestrante na Guiné-Bissau.”- <b>Aluno R</b>
<b>Os Direitos Humanos como essenciais</b>	“...todos têm os mesmos direitos e merecem viver de forma igual...” - <b>Aluno L</b> “... defender os direitos humanos...”- <b>Aluno M</b>
<b>O papel das organizações</b>	“... todas as organizações estão prontas para ajudar os que mais precisam.” <b>Aluno L</b> “...em que consiste a Amnistia Internacional.”- <b>Aluno M</b>
<b>Apelo à ação/ à partilha</b>	“Ajudar os mais necessitados.” - <b>Aluno M</b> “...saber que a senhora ajuda quem pode.”- <b>Aluno L</b> “...devemos ajudar quem precisa...”- <b>Aluno M</b> “...ajudar as pessoas que não tinham luz nem água.”- <b>Aluno I</b> “...os países pobres deveriam ter a ajuda dos países mais ricos.”- <b>Aluno L</b> “Devemos partilhar o que nós não usamos com as pessoas necessitadas.” - <b>Aluno R</b> “Acabar com a pobreza e ajudar o próximo” - <b>Aluno L</b>

Tabela 9- Excertos de exemplos

Desta forma, podemos concluir que os alunos ficaram sensibilizados para intervir e ajudar o próximo, ficando a conhecer a realidade das condições de vida de algumas pessoas. Reconheceram que todos devemos de ter os mesmos direitos. Para além disso ficaram a conhecer mais de perto uma instituição que luta pela igualdade de acesso aos direitos humanos.

### Tarefa 8- Reescrever a carta inicial

Na última sessão, cada aluno foi convidado a voltar a escrever a carta sobre a sua situação de pobreza, usando os mesmos tópicos que foram entregues na primeira aula.

O objetivo era identificar se a perceção inicial de pobreza de cada aluno/a mudou, após todas as sessões e atividades realizadas com a coordenação da PE.

Nas tabelas abaixo, podemos comparar a carta inicial e a final:

<b>Razões pelo qual ficou pobre</b>					
<b>Subcategorias</b>	<b>Gastou o dinheiro todo</b>	<b>Desemprego</b>	<b>Teve muitas despesas</b>	<b>Já nasceu pobre</b>	<b>Fui roubado</b>
<b>Carta inicial</b>	50%	20%	10%	10%	10%
<b>Carta Final</b>	16,6%	8,3%		58,3%	16,6%

Tabela 10- Razões pelo qual ficou pobre, carta inicial e final

Tal como podemos verificar, de forma geral, tal como aconteceu na carta inicial, os/as alunos/as seguiram os tópicos de orientação. No que diz respeito às razões pelas quais ficaram pobres, ao contrário da carta inicial, a maior parte (58,3%) referiu que já nasceu pobre. Este dado é muito relevante, uma vez que pensamos poder concluir que ao longo das sessões o seu pensamento foi alterado, e que compreendem, agora, que a família onde nasceram influencia desde o início as suas condições de vida.

Rotina								
Subcategorias	Escola – Trabalha no campo	Pedir esmola na rua	Trabalha /Trabalha no campo	Ajuda nas tarefas - Procura trabalho	Vende na rua	Fica em casa/prática atividades de lazer(passear, ir ao rio...)	Fica em casa/prática atividades de lazer	Não faz referência
<b>Carta inicial</b>	20%	20%	20%	10%	10%	10%		
<b>Carta Final</b>				41,6%			16,6%	41,6%

Tabela 11 - Rotina, carta inicial e final

No ponto da sua rotina, nesta carta, 41,6% referiu que tinha trabalho. A mesma percentagem de alunos não referiu a sua rotina. Os restantes disseram que passavam o dia em casa ou a brincar com os amigos. Em comparação com a carta inicial, podemos verificar que, nesta, os alunos referiram que iam para a escola e depois iam trabalhar para o campo, iam vender para a rua e pedir esmola e que ajudavam em casa e iam procurar trabalho. Na segunda carta isso não aconteceu, a maior parte disse que tinha um trabalho. Isto pode levar-nos a pensar que os/as alunos/as se aperceberam que, apesar de passarem dificuldades, não quer dizer que não tenham um trabalho. Entra aqui a questão dos salários baixos, das dificuldades financeiras e de acessos, oportunidades.

Experiências do dia-a-dia			
Subcategorias	Não faz referência	Pessoas que oferecem comida e roupa	Instituições que oferecem comida e roupa/ a escola ajuda
<b>Carta inicial</b>	70%	30 %	
<b>Carta Final</b>	41,6%		58,3%

Tabela 12-Experiências do dia-a-dia, carta inicial e final

Tal como na carta inicial, também na final, no que concerne às experiências do dia-a-dia, mencionaram que as pessoas e as instituições lhes ofereciam comida e roupa. Este foco talvez tenha vindo pelo facto de terem sido estudadas e apresentadas organizações que trabalham neste âmbito.

<b>Dificuldades</b>				
<b>Subcategorias</b>	Não faz referência/não tem	Higiene/alimentação	Arranjar trabalho	Falta de eletricidade
<b>Carta inicial</b>	40%	30%	20%	10%
<b>Carta Final</b>	83,3%	16,6%		

Tabela 13-Dificuldades, carta inicial e final

Verificou-se uma grande diferença no tópico das dificuldades. Na carta final, apenas referiram que as dificuldades sentidas eram em termos de alimentação, higiene e habitação (16,6%), e 83,3% não referiu dificuldades. Estes resultados podem surgir pelo facto de os/as alunos/as estarem a desvalorizar as dificuldades da pobreza uma vez que são apoiados por organizações. Valeria a pena esclarecer melhor este tópico junto dos alunos para perceber melhor estes dados.

<b>As suas condições de vida</b>					
<b>Subcategorias</b>	Tem casa	Vive na rua	Vive numa barraca	Muito difíceis	Vive na rua, mas recebe ajuda de instituições
<b>Carta inicial</b>	50%	30%	20%		
<b>Carta Final</b>	66,6%		8,3%	8,3%	16,6

Tabela 14-As suas condições de vida, carta inicial e final

No que concerne às suas condições de vida, podemos verificar uma mudança notória. 66,6% dos/as alunos/as expôs que apesar de terem uma casa, passavam algumas dificuldades e recebendo assim ajuda de instituições. Neste tópico podemos perceber que os/as alunos/as refletiram ao longo das sessões, e que nesta altura tornou-se mais claro que a situação de pobreza não é apenas experienciada por pessoas em situação de sem abrigo, pode-se ter um abrigo e ser pobre, e sabem que existem instituições e pessoas que os podem ajudar.

<b>Relação com as outras pessoas</b>						
<b>Subcategorias</b>	<b>Não tem amigos</b>	<b>As pessoas têm vergonha</b>	<b>Pessoas são amigas</b>	<b>Não faz referência</b>	<b>As outras crianças gozam</b>	<b>Têm amigos</b>
<b>Carta inicial</b>	30%	20%	20%	20%	10%	
<b>Carta Final</b>	8,3%		66.6%	8,3%		16,6%

Tabela 15-Relação com as outras pessoas, carta inicial e final

Na relação com as outras pessoas, apenas 8,3% mencionou que não tinha amigos, sendo que 66,6% diz que as pessoas são amigas, pois recebem a sua ajuda, ao contrário da carta inicial. Estes dados podem revelar que os alunos atribuíram um relevo demasiado grande à questão do apoio das instituições.

<b>Sentimentos</b>			
<b>Subcategorias</b>	Tristeza/Solidão	Não faz referência	Felicidade
<b>Carta inicial</b>	50%	40%	10%
<b>Carta Final</b>	33,3%	41,6%	25%

Tabela 16-Sentimentos, Carta inicial e final

No tópico dos sentimentos, a tristeza/solidão continua a ser o sentimento predominante (33,3%), embora a uma distância menor da felicidade do que nas cartas iniciais.

<b>O que é ser pobre</b>					
<b>Subcategorias</b>	É muito difícil/triste	Não faz referência	Não ter tudo o que se quer	Ter poucas condições/aceessos	Não devemos de ter vergonha
<b>Carta inicial</b>	50%	30%	10%	10%	
<b>Carta Final</b>	25%	50%		16,6%	8,3%

Tabela 17-O que é ser pobre, carta inicial e final

Por fim, a percentagem de alunos que não referiu na sua carta o seu conceito de pobreza foi maior na carta final (50%) do que na inicial(30%). Porém, no final alguns alunos/as afirmaram que, ser pobre é ter falta de oportunidades e não ter os mesmos acessos (16,6%). Importa salientar que foi referida a questão da vergonha (8,3%), o que pode estar relacionado com o facto de estar mais claro que a pobreza não é algo de que se tem culpa, mas, muitas vezes, vem das condições e do meio em que se nasce.



## Em síntese

Podemos verificar, comparando as duas cartas, que, inicialmente, os alunos/as viam a pobreza como algo pelo qual as pessoas são culpadas (por terem gasto o dinheiro todo); referiam que as pessoas sentiam vergonha, e por isso não tinham amigos; salientavam a pobreza como algo ligado a pessoas em situação de sem abrigo; para alguns, era possível ter casa, apesar da vida com dificuldades, ir pedir ou vender coisas para a rua, pela dificuldade no acesso a um emprego; sublinharam a dificuldade de conseguir comida, o acesso a um local para realizar a sua higiene pessoal. não referiam que recebiam ajuda de instituições.

No final, os/as alunos já referiam que, ao contrário da carta inicial, as pessoas não são culpadas de ser pobres, mas que podem nascer de uma família pobre; que têm amigos que os ajudam e não têm vergonha deles; que apesar das dificuldades têm um trabalho; salientam que as pessoas e instituições os ajudam; que ser pobre é não ter as mesmas oportunidades.

O único tópico que se manteve foi o do sentimento, em ambas as cartas, era de tristeza.



## Capítulo V – Conclusões

---

## 5.1. Conclusões do estudo

Nesta parte do relatório irei apresentar as conclusões do estudo bem como as respostas às questões colocadas inicialmente. O objetivo deste estudo foi perceber a percepção dos alunos sobre o tema pobreza, sendo que se pretendia que chegassem à conclusão de que esta é uma violação dos Direitos Humanos.

Deste modo, foram idealizadas três questões de investigação, sendo estas:

### **Qual é a percepção de crianças do 6.º ano relativamente à pobreza e desigualdades?**

Como já foi referido no presente relatório, inicialmente foi pedido aos alunos que escrevessem uma carta a explicar que estavam pobres e o que é isso de ser pobre. Esta carta tinha como objetivo perceber aquilo que crianças do 6.º ano pensam sobre a assunto, o que acham que é a realidade de uma pessoa pobre, sem possibilidades e sem oportunidades.

Após a análise dos dados, pude perceber que na primeira carta que redigiram, alguns alunos apresentaram a perspetiva que estar pobre é alguém que não tem dinheiro e que vive na rua. Porém uma parte dos alunos não idealizou da mesma forma o conceito de ser pobre, estes consideraram que não tinham tanto dinheiro, tantas possibilidades, mas que tinham uma casa para viver com os bens necessários para a sua sobrevivência, um aluno até referiu na sua carta (tarefa 1) que como tinham mais dificuldades, não conseguia ir para a escola, pois não tinha dinheiro.(tabela 1)

Pude também observar, que a percepção dos/as alunos/as que inicialmente mencionaram que viviam na rua e não tinham condições nenhuma mudou, como podemos ver na tabela 14, em que 66,6% dos/as alunos/as na carta final, afirma ter uma casa

De uma forma geral, e comparando as cartas redigidas inicialmente com as finais, podemos concluir que os alunos mudaram a sua forma de pensar, para além de abandonarem a ideia de pobre sendo aquela pessoa em situação de sem-abrigo, já colocaram mais informações, conhecimento adquirido ao longo da realização das tarefas propostas.

Desta forma podemos concluir, que uma criança do 6.º ano de escolaridade, hoje em dia, já tem a mente mais aberta no que diz respeito à compreensão destes temas que afetam tanto a nossa sociedade apesar de no início o conceito de pobreza para alguns ainda era o que se esperava que estes pensassem, para outros já foi apresentado com mais clareza. No final todos os alunos perceberam que devemos ter os mesmos direitos e as mesmas oportunidades.

### **Quais as consequências da pobreza e das desigualdades?**

Ao longo das sessões, os alunos chegaram à conclusão que, o facto de não terem as mesmas oportunidades irá trazer condicionantes para a sua vida. Se não tem condições para frequentar a escola, só porque nasceram numa família com mais dificuldades, também não conseguirão ter um bom emprego e consequentemente não terão as mesmas possibilidades que uma pessoa com uma formação académica melhor, para além disso, também não terão os mesmos acessos aos outros serviços. Estas conclusões estão presentes, ao longo da tarefa do trabalho de pesquisa, em que inclusive um dos grupos tinha como objetivo pesquisar as consequências da pobreza e das desigualdades, uma das consequências apresentadas pelo grupo foi , o facto de viverem numa casa com poucas condições, pois não tinham possibilidades para a arranjar. Através das cartas tanto da primeira como na segunda, podemos verificar que alguns alunos referem que devido à sua condição não tem amigos, as pessoas não gostam deles, não lhes dão emprego, não têm onde viver, não têm acesso aos mesmos serviços que as outras pessoas e que não têm dinheiro para pagar as contas.

Em suma, através daquilo que os alunos concluíram, as consequências da pobreza é o facto de não terem os mesmos acessos e oportunidades que as outras pessoas têm, vivendo em más condições e infelizes pois são ignorados pelo resto da sociedade.

### **Quais as formas de lutar contra a pobreza e as desigualdades?**

Durante os trabalhos de pesquisa (tarefas 3 e 4), bem como na palestra (tarefa 5) os alunos puderam perceber que existem várias entidades que podem ajudar as pessoas com menos possibilidades, bem como campanhas de ajuda que até a própria escola que frequentam elabora, como a recolha de alimentos e bens essenciais. Com a

palestra os alunos tiveram a oportunidade de conhecer melhor uma das organizações de ajuda, sendo esta a Amnistia, esta atua a nível internacional, e contaram com a presença de um membro da Amnistia de Viana do Castelo, acima referida.

Nas cartas redigidas na última tarefa, pude verificar que a grande maioria da turma, senão todos, mencionou a ajuda de organizações, da escola e de amigos.

Assim, os alunos conseguiram compreender que existem formas de ajudar os outros, que eles também podem ajudar, e que temos de deixar de pensar só em nós próprios e ser mais generosos com os outros, pois parecendo que não a nossa pequena ajuda pode deixar alguém muito feliz. Um pequeno contributo pode fazer toda a diferença.

## **5.2. Limitações do estudo**

Ao longo da realização deste estudo deparei-me com algumas limitações, o que veio a dificultar esta investigação. Um dos fatores que trouxe algumas limitações, foi a questão da carga horária da área curricular. Oito sessões de 45 minutos semanais, não foi o suficiente para a PE aprofundar melhor certos conceitos bem como para o término de algumas tarefas, ou até para a realização de outras tarefas que iriam contribuir para o estudo. E visto que estas temáticas são sempre alvo de debate em algumas situações este debate teve de ser mais reduzido devido à falta de tempo.

## **5.3. Considerações finais**

Inicialmente quando decidi selecionar este tema para este estudo, foi com intuito de fazer chegar às crianças que existem crianças como eles que por terem menos possibilidades e oportunidades, não podem ir à escola ou se vão não tanta possibilidade de comprar material como os outros e que por vezes acabam por ser discriminados, que podem não ter uma casa melhor como os colegas, mas que não é por isso que não devem ter os mesmos direitos e oportunidades que os outros. Se todos somos cidadãos iguais então todos deveríamos de ter os mesmos direitos e oportunidades.

O objetivo final deste estudo seria perceber o que crianças do 6.º ano de escolaridade pensam e sabem sobre pobreza e desigualdades, sendo que fazia parte das minhas intenções ajudá-los a refletir sobre facto de todos termos os mesmos direitos e que por essa razão devemos também ter as mesmas oportunidades.

Para este estudo foram seleccionadas tarefas que permitissem perceber o que as crianças pensavam inicialmente e no final do mesmo, penso que apesar dos alunos em certas tarefas, já referidas, não demonstraram tanto empenho ou que não cooperassem em grupo, conseguiram todos chegar àquilo que era esperado e superar as expectativas.

Para além disso, alguns alunos ainda surpreenderam com certas expressões e afirmações que iam dizendo ao longo das tarefas, algumas dessas afirmações já referidas neste relatório. Não era esperado que os alunos associassem o aumento dos preços de bens e serviços como pobreza, porém estes associaram, e muito bem, essa condição como sendo uma causa da pobreza. Alguns desses alunos, que identificaram essas causas, eram alunos que normalmente se mostravam mais desatentos e pouco empenhados. Outra questão que um aluno levantou na tarefa 2, à qual não se esperava, foi o facto de por vezes, as pessoas podem ter muitas oportunidades e possibilidades, mas não serem felizes e que uma pessoa com menos oportunidades e possibilidades pode ser mais feliz, ou seja, não é por termos tudo o que queremos que isso nos vai trazer felicidade, neste caso podemos aplicar a expressão “mais é menos”, podemos ter pouco mas somos felizes.

Em conclusão, penso que no final do estudo, e apesar de alguns entraves, consegui obter as respostas que procurava, os alunos ficaram consciencializados que ao haver pessoas que estão a passar dificuldades, que não estão a usufruir dos mesmos direitos que nós, quando também deviam de beneficiar trata-se de violação dos Direitos Humanos. No final, ficaram a saber o que podem fazer para ajudar, quais as organizações que podem ajudar, ficaram a conhecer pessoalmente alguém que pertence a uma organização e todo o processo profissional da mesma, bem como o que já fez para ajudar.

No final, penso que consegui passar a mensagem a estes alunos, de que uma pequena ajuda pode fazer a diferença na vida de alguém, por isso devemos sempre de ajudar quem mais precisa.

#### **5.4. Sugestões para investigação futura**

O tema dos Direitos Humanos tem uma diversidade de domínios, todos eles importantíssimos para a nossa sociedade e que todos nós devemos defender, pois tal como o próprio nome diz trata-se dos nossos direitos enquanto ser humano.

Neste estudo foi apenas possível trabalhar um dos domínios, e uma pequena parte do que é esta realidade da pobreza e das desigualdades, e que com o curto tempo ainda mais dificultou o estudo. Penso que certas tarefas precisavam de mais tempo para sua realização, como foi o caso da tarefa do trabalho de grupo, os alunos tiveram apenas disponíveis duas intervenções, sendo estas de 45 minutos cada, não sendo suficiente para que cada grupo organizasse o mesmo em tempo de aula e com a supervisão da professora, assim cada grupo ficou responsável de no fazer pós-aula o que não foi o melhor pois houve grupos que não o fizeram.

Desta forma, penso que para um estudo futuro, seria necessário mais tempo, não apenas pelo tempo de realização de tarefas que se tornaria mais rico, mas também por ser um domínio muito importante e que infelizmente está muito presente na nossa sociedade, e que veio agravar mais nesta altura controversa que vivemos, o COVID-19 afetou, e ainda afeta muitas famílias em todo o mundo, que se viram sem os seus empregos. Para além disso, penso que num estudo futuro seria necessário não abordar apenas um domínio, como foi o caso, mas expandir para os outros domínios dos Direitos Humanos que são igualmente importantes, pois as crianças são o futuro da nossa sociedade e são elas que vão tornar o mundo num lugar melhor, e para isso devem ser alertadas desde cedo acerca dos mesmos.



**Parte III – Reflexão Global da Prática de Ensino  
Supervisionado**

---

## Reflexão Global da PES

Finaliza assim mais uma etapa da nossa vida enquanto estudante, assim nesta secção do relatório irei refletir sobre tudo aquilo que envolveu este último ano académico e o que foi mais importante ao longo destes meses de trabalho, o que nos ajudou a crescer enquanto alunos e futuros professores, a Prática de Ensino Supervisionada.

Antes de tudo, dizer que nunca duvidei daquilo eu queria ser, o que me queria tornar no futuro, sempre foi o meu desejo ser professora, apesar de todos os avisos para que não seguisse esta área, inicialmente tinha ideia de querer ser educadora de infância, porém o gosto pela História e o Português levou-me a escolher este mestrado. Após esta longa caminhada percorrida, é bom refletir, sobre os que levamos desta experiência, o que aprendemos as pessoas que nos vamos recordar e que contribuíram para o nosso crescimento enquanto pessoas e profissionais, os momentos mais difíceis, momentos que nos fazem pensar se este foi o caminho certo, se devíamos continuar ou desistir, pensar que independentemente dos obstáculos não podemos baixar os braços e desistir, pois, esta foi a nossa escolha e sempre será.

Focando agora no que foi a PES, esta dividiu-se em duas partes, ou seja, um primeiro momento no 1.º Ciclo do Ensino básico, numa turma de 23 alunos do 4.º ano de escolaridade. O segundo momento no 2.º Ciclo do Ensino Básico, em duas turmas, na área curricular de História e Geografia de Portugal uma turma do 5.º ano com 21 alunos e na área curricular de Português uma turma do 6.º ano com 20 alunos, para além disso, e para que fosse possível a realização deste estudo ainda lecionei a disciplina de cidadania, abordando o tema deste relatório, a pobreza.

Em ambos os contextos, fiz o meu melhor e depus todo o meu conhecimento e todo aquilo que sou. Para cada uma das turmas foi necessário adotar estratégias diferentes, até porque temos todas personalidades diferentes, e maneiras diferentes de conviver, sendo que há alunos mais agitados que outros, alunos que sentem falta de atenção e cabe-nos a nós educadores e professores não só ensinar, chamar a atenção quando o comportamento não é tão aceitável, mas também dar-lhes atenção pois alguns deles podem não o ter em casa, para além disto é muito gratificante chegar à sala

de aula e sermos recebidos com todo o carinho e sinceridade das crianças, um sorriso, um abraço, um “professora gosto muito de ti” é algo impagável, perceber que não lhes fomos indiferentes e que vamos contribuir para o seu crescimento. Tive o privilégio de receber conhecimento dos professores cooperantes que nos acompanharam ao longo desta etapa e que apesar de tudo, se mostraram sempre dispostos a ajudar-nos. No final foi um ano cheio de aprendizagens e trabalho.

No que diz respeito ao contexto do 1.º Ciclo, como já referido foi realizado numa turma do 4.º ano. Tratou-se de uma turma heterogénea e com níveis de aprendizagem diferentes, havia meninos com mais dificuldades que os outros que requeriam mais atenção da nossa parte, o mais interessante nesta turma era que os alunos que tinham mais capacidades gostavam, depois de terminara as suas tarefas, de auxiliar os colegas que tinham mais dificuldades, de certa forma é algo positivo pois por vezes, quando é o professor a explicar os conteúdos as crianças podem não perceber e ter mais dificuldades devido à linguagem mais técnica e cuidada que utilizamos, quando é um colega a explicar esta a falar na mesma linguagem que ele e pode assim perceber melhor.

Assim a turma, para além de ser interessada, um pouco faladores, mas no sentido de querer participara e intervir na aula, estes também apresentavam espírito de entreatajuda.

As atividades propostas, foram todas planeadas com o intuito de cativar a turma e fazer com que aprender fosse mais divertido. Procuramos, enquanto par de estágio, fazer atividades dinâmicas e diversificadas. Implementamos, para além das rotinas a que a turma estava habituada, um momento leitura gratuita, este era feito antes de iniciar a aula e eram apenas alguns minutos em que a turma só tinha de ouvir e disfrutar da leitura, a escolha das obras foi feita tendo como referência o Plano Nacional de Leitura, e algo que os alunos gostaram muito, pois mostravam interesse em saber o que se iria passar no resto da história e queriam que continuássemos, ficavam sempre curiosos com qual seria a próxima história que iam ouvir. Ao longo do nosso percurso académico sempre afirmaram que estes pequenos momentos em que as crianças só ouvem a história e não tem de responder a nenhuma questão no final, seria uma mais-valia, para além de capturar a atenção dos alunos para a leitura prazerosa não por prazer. De facto,

depois de termos implementado esse pequeno momento percebemos que, realmente isso é verdade, os alunos montavam-se mais interessados na leitura e faziam questão de mostrar os livros que estavam a ler.

Outra atividade que implementamos ao longo do estágio foi o “Diário de um descobridor de palavras”. As crianças têm muitas dificuldades em conhecer o significado de certas palavras que se encontram nas obras com que são confrontados, desta forma decidimos entregar uma tabela, onde teriam de colocar a palavra que desconheciam, o que acham que significava, o significado presente no dicionário e ainda escrever uma pequena frase incluindo essa palavra. Penso que esta espécie de dicionário pessoal foi muito enriquecedora, os alunos autonomamente, faziam este exercício sem ser necessário a PE chamar a atenção.

Deste modo, tanto no 1.º ciclo como no 2.º ciclo, procuramos fazer atividades que permitissem aos alunos não só aprender, como também divertirem-se.

Falando agora do contexto do 2.º ciclo, como já referido no presente relatório, foi feito em duas turmas, uma do 5.º ano onde lecionamos História e Geografia de Portugal, e no 6.º ano onde lecionamos Português. Tratou-se de duas turmas muito distintas, mas interessadas e mostrando sempre empenho em aprender mais. Em ambas as turmas tinham alunos com mais dificuldades, mas ao contrário do contexto do 4.º ano, estes não mostravam espírito de entreatajuda. Tal como já referi, na turma do 6.º ano ainda lecionei a disciplina de cidadania, nesta os alunos sempre mostram interesse nas tarefas proposta, e revelaram ser uma turma que consegui refletir sobre os assuntos. No que diz respeito a atividades planeadas, o nosso pensamento manteve igual ao do contexto anterior, procuramos fazer sempre atividades diferentes e didáticas.

Em suma, penso que, tal como tudo na vida, a minha prática de ensino supervisionado teve altos e baixos. Sei que fiz o meu melhor e que se calhar conseguiria tenho capacidades para fazer melhor. Apesar de todas as adversidades e dificuldades sentidas, faço um balanço positivo desta aventura, desta experiência que, sem dúvida alguma, me ajudou a crescer como pessoa e como futura professora.

Levo comigo aprendizagens, amizades, conhecimentos, e todo o carinho e afeto que as crianças nos transmitem, porque o melhor desta profissão, sem ser o privilégio de formar o futuro do nosso país , é apesar de por vezes estamos mais tristes, ou com menos disposição, sabemos que vamos chegar à sala e vamos ser recebidos com um sorriso na cara ou com um abraço.

Termino assim esta etapa dizendo que tenho a certeza de que escolhi o caminho certo para o meu futuro.

## Referências Bibliográficas

- International Network for Education in Emergencies. (s.d.). Obtido de Educação para a Cidadania Global: <https://inee.org/pt/eie-glossary/educacao-para-cidadania-global>
- Direção Geral da Educação- Aprendizagens Essenciais- Obtido de [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/2\\_ciclo/5\\_historia\\_e\\_geografia\\_de\\_portugal.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/5_historia_e_geografia_de_portugal.pdf)
- A Educação para a Cidadania em Portugal. Obtido de <https://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/VIIIcongreso/pdfs/184.pdf>
- A Educação para a Cidadania em Portugal.. Obtido de <https://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/VIIIcongreso/pdfs/184.pdf>
- Alves, D. V. (24 de novembro de 2017). *Ciência e Educação*. Obtido de Métodos, instrumentos e técnicas de recolha de dados: <https://cienciaeeducacao.com/2017/11/24/metodos-instrumentos-e-tecnicas-de-recolha-de-dado/>
- Inguaggiato, C. Coelho, L. S. (6 de Agosto de 2021). Obtido de olíticas De Implementação Da Educação Para A Cidadania Global No Ensino Básico: Análise Comparativa Realizada No Âmbito Do Projeto Global Schools: <http://www.sinergiased.org/index.php/revista/item/118-global-schools>
- Campos,A. G.; Catarino A. L. & Fortunato, F. (2016).Conhecer Portugal.*Conhecer Portugal 5º* (p. 208). porto: Areal.
- Coutinho, C. P. (2009). Investigação-Acção: Metodologia Preferencial na Práticas Educativas. p. 19.
- Coutinho, C. P. (2009). investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas. p. 19.
- Coutinho, C. P. (2014). Metodologia de investigação em Ciências Humanas. Almedina.
- Coutinho, C. P. (2014). *metodologia de investigação em Ciências Sociais e Humanas*. Almedina.

- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. Almedina.
- DGE. (novembro de 2013). *Direção Geral de Educação*. Obtido de Educação para a Cidadania- Linhas Orientadoras: <https://www.dge.mec.pt/educacao-para-cidadania-linhas-orientadoras-0>
- Direção Geral da Educação*. (25 de Julho de 2021). Obtido de Educação para a Cidadania Linhas Orientadoras: <https://www.dge.mec.pt/educacao-para-cidadania-linhas-orientadoras-0>
- Direção Geral da Educação*. (6 de Agosto de 2021). Obtido de Estratégia Nacional para a Educação para o Desenvolvimento: [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/estrategia\\_nacional\\_educacao\\_desenvolvimento.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/estrategia_nacional_educacao_desenvolvimento.pdf)
- Direção Geral de Educação*. (30 de Junho de 2021). Obtido de [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/ed\\_cidadania\\_basico\\_sec\\_2011.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/ed_cidadania_basico_sec_2011.pdf)
- Educação para a Cidadania*. (20 de Novembro de 2021). Obtido de Direção Geral da Educação: <https://cidadania.dge.mec.pt/direitos-humanos>
- Educare*. (15 de Agosto de 2021). Obtido de <https://www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=132128>
- Europeia, C. (2017). Eurydice. *A Educação para a Cidadania nas Escolas da Europa*.
- Europeia, C. (2017). Eurydice. *A Educação para a Cidadania nas Escolas da Europa*.
- Fernandes, D. (s.d.). *Acerca da Qualidade das Investigações Qualitativas*.
- Goals, G. u. (2017). *Get up and Goals*. Obtido de Educação para a Cidadania Global: <https://getupandgoalsproject.pt/ecg/>
- INEE. (s.d.). Obtido de Educação para a Cidadania Global: <https://inee.org/pt/eie-glossary/educacao-para-cidadania-global>
- Inguaggiato, & Coelho, L. S. (2017). "Políticas De Implementação Da Educação Para A Cidadania Global No Ensino Básico. *Análise Comparativa Realizada No Âmbito Do Projeto Global Schools*.
- Instituto Camões* . (15 de Agosto de 2021). Obtido de [https://www.instituto-camoes.pt/images/ods\\_2edicao\\_web\\_pages.pdf](https://www.instituto-camoes.pt/images/ods_2edicao_web_pages.pdf)

- Ki-moon, B. (22 de maio de 2021). *Agenda 2030*. Obtido de Global Compact: <https://globalcompact.pt/index.php/pt/agenda-2030>
- Coelho, L. S. (2020). *Escolas Transformadoras: Colaboração, Transformação E Políticas Educativas Em Educação Para A Cidadania Global*. p. 3.
- Martins, M. J., & Mogarro, M. J. (Agosto de 2010). *Revista Ibero Americana*. Obtido de A Educação para Cidadania no século XXI: <https://rieoei.org/historico/documentos/rie53a08.htm>
- Martins, M. M., & Mogarro, M. J. (Agosto de 2010). *Revista Ibero Americana*. Obtido de Educação para a Cidadania século XXI: <https://rieoei.org/historico/documentos/rie53a08.htm>
- Objetivos De Desenvolvimento Sustentável*. (s.d.). Obtido de <https://www.ods.pt/objectivos/4-educacao-de-qualidade/?portfolioCats=24>
- Objetivos do Desenvolvimento Sustentável* . (13 de Agosto de 2021). Obtido de <https://www.ods.pt/>
- ODS. (2015). Obtido de *Objetivos de Desenvolviemnto Sustentável*: <https://www.ods.pt/>
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a. C. (2014). *Educação para a Cidadania Global*.
- Brander, P. (2002). *COMPASS- Manual de Educação Para os Direitos Humanos com jovens*.
- Pereirinha, J. (1996). *Pobreza e exclusão social: fronteiras conceptuais, relevância para a política social e implicações na sua medida*. p. 170.
- PORDATA. (2021). Obtido de <https://www.pordata.pt/Municipios>
- Romão, A. P. (Maio de 2020). *Educar Para a Cidadania- Um Olhar Novo?*
- UNESCO. (2014). *Educação para a cidadania global preparando alunos para os desafios do século XXI*. Obtido de [https://unesdoc.unesco.org/in/documentViewer.xhtml?v=2.1.196&id=p::usmarcdef\\_0000234311&file=/in/rest/annotationSVC/DownloadWatermarkedAttachment/attach\\_import\\_ae73a61d-3b38-4869-9ee3-770e2b7406b6%3F\\_%3D234311por.pdf&locale=en&multi=true&ark=/ark:/48223/p](https://unesdoc.unesco.org/in/documentViewer.xhtml?v=2.1.196&id=p::usmarcdef_0000234311&file=/in/rest/annotationSVC/DownloadWatermarkedAttachment/attach_import_ae73a61d-3b38-4869-9ee3-770e2b7406b6%3F_%3D234311por.pdf&locale=en&multi=true&ark=/ark:/48223/p)



- UNESCO. (2015). *Educação para a cidadania global: a abordagem da UNESCO*. Obtido de <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000371292>
- UNESCO. (2015). *Educação para a cidadania global: a abordagem da UNESCO*. Obtido de <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000371292>
- UNESCO. (2015). *Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI*. Obtido de <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000234311>
- UNESCO. (2016). *Educação para a cidadania global: tópicos e objetivos de aprendizagem*. Obtido de <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244826>
- UNESCO. (s.d.). *Educação para a Cidadania Global*. Obtido de <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000371292>
- UNESCO, C. N. (s.d.). *Comissão Nacional da UNESCO Ministério dos Negócios Estrangeiros*. Obtido de *Democracia e Cidadania Global*: <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/aprender-a-viver-juntos/democracia-e-cidadania-global>
- Unidas, N. (2004). *Nações Unidas*. Obtido de *O que são os direitos humanos*: <https://unric.org/pt/o-que-sao-os-direitos-humanos/#>
- Unidas, N. (2004). *Nações Unidas*. Obtido de *O que são os direitos humanos*: <https://unric.org/pt/o-que-sao-os-direitos-humanos/#>
- Vale, I. (2004). *Algumas Notas sobre a Investigação Qualitativa em Educação Matemática — O Estudo de Caso*.
- Vale, I. (2004). *Algumas Notas sobre a Investigação Qualitativa em Educação Matemática — O Estudo de Caso*. *Algumas Notas sobre a Investigação Qualitativa em Educação Matemática — O Estudo de Caso*.
- Vale, I. (2004). *Algumas Notas sobre a Investigação qualitativa em Educação Matemática- O Estudo de Caso*.
- Vale, I. (2004). *Algumas Notas sobre Investigação Qualitativa em Educação Matemática o Estudo de Caso*. p. 5.



## **Anexos**

---



## Anexo 1-Modelo de Planificação Português

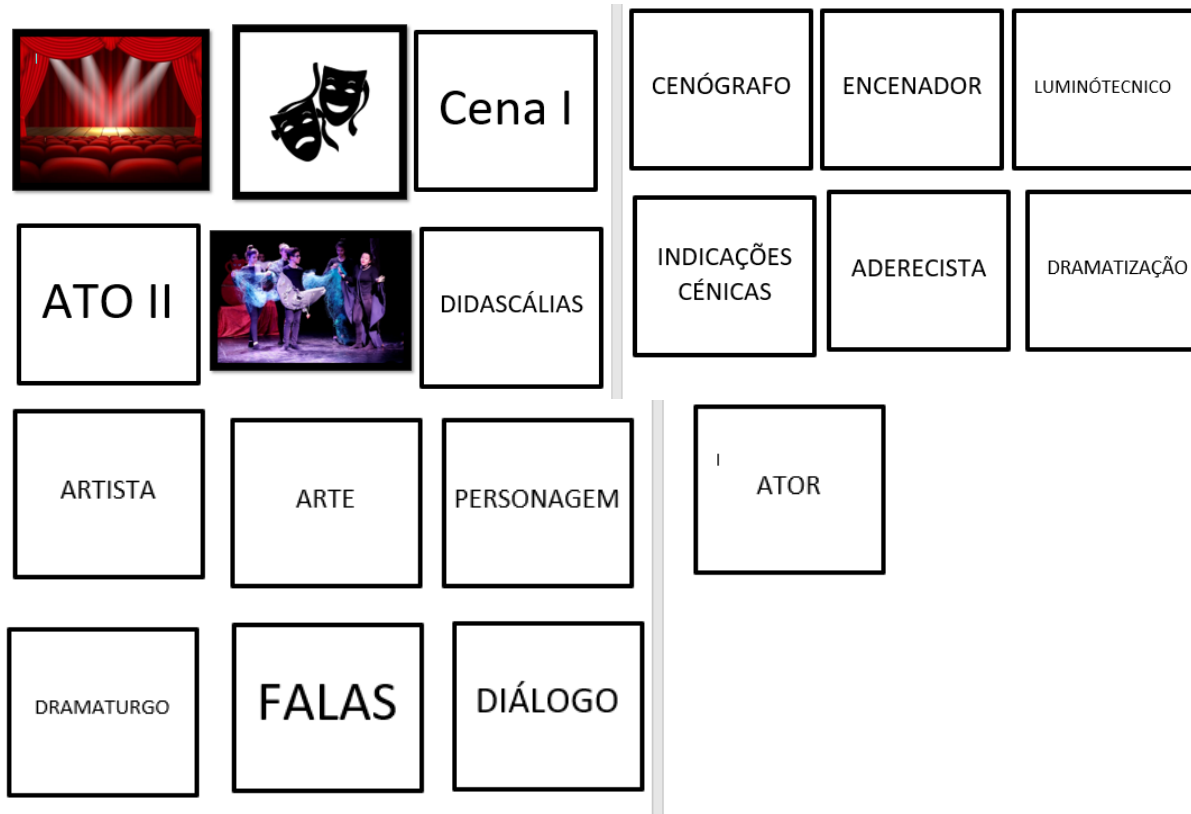
Escola: Agrupamento de escolas Arga e Lima					
Plano de Aula – 2.ª Aula de regência					
Mestrando: Mariana Cerqueira		Ano/Turma:6ºB	Dia da semana: sexta-feira	Data: 14/05/2021	
Área disciplinar: português Aula nº Tempo: 11:55-13:25		Sumário: Atividade “Raspadinha mistério”  Visualização da peça “Aquilo que os olhos veem ou o adamastor”.			
Conteúdos por domínio	Aprendizagens a desenvolver	Desenvolvimento pedagógico e didático da aula	Tempo	Recursos/ Espaços Físicos	Avaliação
	AE  Comunicar, em contexto formal, informação essencial (paráfrase,	Antes da aula começar a PE irá esconder cartões dentro de envelopes debaixo das mesas dos alunos, estes irão conter uma pista sobre o tema de texto que será abordado ao longo das aulas, estes cartões estarão pintados com tinta de modo a criar raspadinhas. (Texto dramático) (Anexo1)	10 min.	21 Cartões	

<p><b>Oralidade</b></p>	<p>resumo) e opiniões fundamentadas.</p> <p>Fazer uma apresentação oral, devidamente estruturada, sobre um tema.</p> <p>Identificar tema(s), ideias principais e pontos de vista.</p>	<p>A PE inicia a aula por abrir a lição.</p> <p>De seguida pede para se deslocarem para o auditório, levando o caderno e um lápis.</p> <p>Posto isto, explica que para descobrir o tema das obras que iremos abordar nas aulas seguintes vamos realizar uma pequena atividade.</p> <p>PE: Como é que iremos descobrir o tema?</p> <p>Turma: “Com pistas!”</p> <p>PE: Exatamente! Verifiquem todos a parte debaixo das vossas mesas, mas não abram já os envelopes, iremos abrir um de cada vez, e cada aluno terá de descrever o que vê ou diz em cada cartão, para no fim descobrirmos o tema.</p> <p>De seguida, a PE irá pedir para que os alunos guardem os cartões, pois alguns dos termos que lá estarão vão ser abordados nas próximas aulas.</p>	<p>30 min.</p> <p>5 min.</p> <p>45 min.</p>	<p>Auditório</p> <p>Peça de teatro “Aquilo que os olhos veem ou o adamastor”.</p>	<p>Mostra interesse na atividade proposta.</p> <p>Descreve com clareza o conteúdo do cartão.</p> <p>Descobre o tipo de texto.</p> <p>Presta atenção e mostra interesse à visualização da peça de teatro.</p>
-------------------------	---	--	---	---	--

		Para finalizar a PE coloca a peça de teatro “Aquilo que os olhos veem ou o adamastor” para os alunos visualizarem (Anexo 2).			
--	--	--	--	--	--

**Anexo 2-** Anexos do modelo de planificação de Português

Anexo 1- Cartões



Anexo 2- Peça de teatro “Aquilo que os olhos veem ou o adamastor”.

<https://wou.pt/atrapalharte-remote1/?escolas=aquilo-que-os-olhos-veem-ou-o-Adamastor>



### Anexo 3-Modelo de Planificação História e Geografia de Portugal

Escola Básica e Secundária Arga do Lima					
Plano de Aula – 8.ª Aula de regência					
Mestrando: Mariana Cerqueira		Ano/Turma: 5º B	Dia da semana: sexta-feira	Data: 25 -06-2021	
Área disciplinar: História e Geografia de Portugal Aula nº 88 e 89 Tempo: 10:15 às 11:45h		Sumário: Atividade didática acerca dos conteúdos abordados.			
Conteúdos por domínio	Aprendizagens a desenvolver	Desenvolvimento pedagógico e didático da aula	Tempo	Recursos/ Espaços Físicos	Avaliação
Portugal: Da União Ibérica à Restauração da Independência		<p>A PE inicia aula por saudar os alunos, abrir a lição e escrever o sumário.</p> <p>De seguida explica que nesta aula iremos irnos fazer uma aula oficina, ou seja, de modo fazer uma revisão dos conteúdos abordados ao longo das últimas aulas, sendo estes todo o</p>	<p>10min.</p> <p>10 min</p>		

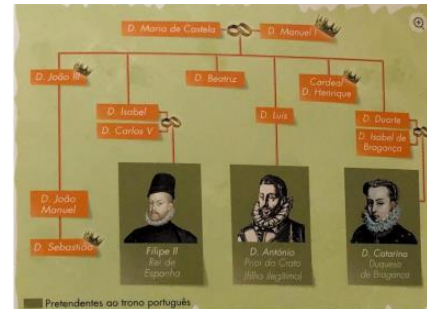
	<p>Organizar o ensino com base em materiais e recursos diversificados, adequados às diferentes formas de aprendizagem.</p>	<p>processo histórico que conduziu à União Ibérica (1580-1640). Para isso a turma irá realizar duas atividades, em que a mesma irá estar dividida em 4 grupos, nesta sequência a PE pede que turma se organize nos respetivos grupos, que serão previamente feitos pela PE.</p> <p>De seguida a PE irá entregar a cada grupo uma caixa, nesta irá conter todos os materiais que irão necessitar para a realização das atividades.(anexo 1)</p> <p>Primeiramente terão um placar de esferovite com todos os documentos presentes no “Mural da Restauração da Independência” desorganizados e cada grupo terá de o organizar de modo a fazer uma cronologia com os documentos utilizados em aula e situando-os no</p>	30min	<p>Manual</p> <p>Caderno de atividades</p>	<p>Organiza o Mural corretamente seguindo uma linha lógica de acontecimentos.</p> <p>Participa no jogo e responde às questões .</p>
--	--	---	-------	--	---

		<p>espaço de tempo, este será corrigido em grupo/turma.</p> <p>Posto isto explica que a próxima atividade consiste, em que a turma ainda nos mesmos grupos irá ter um jogo tabuleiro de “jogo da glória” assim como as instruções de jogo e os cartões de jogo. Cada grupo terá de eleger um representante responsável pelos cartões das questões, das regras e das imagens.</p> <p>No tabuleiro de jogo irá conter casas com números, questões sobre a matéria abordada e imagens com desafios, em cada casa os alunos terão de seguir as indicações da mesma.(anexo 1)</p> <p>No final ganha quem chegar em primeiro ao final e podem se houver tempo voltar a jogar.</p>			
--	--	---	--	--	--

### Anexo 4- Anexos do modelo de planificação de História e Geografia de Portugal

Anexo - materiais da caixa


( para o Mural da Restauração da Independência (imagens e documentos presentes no manual do aluno)



**DOC. 3 | Perfilto anónimo! (1641)**

*Filipe, o quem mais amado! Os d'amos,  
E quão são os teus estritos! Os vichos,  
E enquanto regestada? Crueldade,  
Que teve em ti Portugal! Grande mal!  
E lá nos os, Seaborn! Grande rigos,  
Que teve dos castelhanos! Grandes danos,  
Que nos quer o teu conselhado! Disleixo,  
Tu, de nós que queres mais! Inuito,  
Que calas o reino mais sente! Tiraram-te gente,  
Venho redonda de um parafeto popular anónimo relativo à Restauração,  
Biblioteca Municipal de Évora*

1. Na forma íntima, o autor enumerou as características negativas do último Filipe a governar Portugal e os motivos que todos causou a Portugal.



Cardeal D. Henrique foi, chamado a governar novamente, já que o rei era solteiro e não tinha filhos. No entanto, o Cardeal, já com 66 anos e doente no momento em que subiu ao trono, acabou por morrer um ano e cinco meses depois, igualmente solteiro e sem filhos.

Surgiram então uma serie de problemas de série de problemas de sucessão, que acabariam por provocar a perda da independência de Portugal em 1580.

Fonte imagem:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cardeal\\_D.\\_Henrique\\_c%3%B3pia\\_de\\_original\\_de\\_c.\\_1590.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cardeal_D._Henrique_c%3%B3pia_de_original_de_c._1590.jpg)  
Fonte texto:  
Conhecer Portugal. (2016). Em A. G. Campos, A. L. Catarino, & F. Fortunato, *Conhecer Portugal 5º* (p. 208). Porto: Areal.



# D. Sebastião

## D. Sebastião

“Um menino que não conheceu o pai e cuja mãe, D. Joana, nunca o viu crescer (apenas durante os seus primeiros quatro meses) e não ser por retratos, nem o próprio filho teve vontade de a conhecer, D. Sebastião viveu numa encruzilhada de uma criança a tornar-se homem, ladeado pela sua avó, a rainha viúva de D. João III e regente, D. Catarina de Áustria e pelo seu tio-avô, o cardeal D. Henrique. Com uma educação norteada entre as diretrizes da Igreja e a paixão militar, sabia que teria de assumir o reino de Portugal, tendo como principal conselheiro o seu ego e de um grupo de amigos fiéis, que não o contrariavam nos seus desígnios, os quais foram, efetivamente, a sua família.

Os conselhos, os avisos da avó, do tio cardeal e dos seus fiéis preceptores sempre constituíram algo que pouco lhe importou e ao assumir em pleno a coroa e o cetro reais, parece tomar consciência de que tudo podia fazer e o seu poder ser absoluto.”

### D. Sebastião

“Um menino que não conheceu o pai e cuja mãe, D. Joana, nunca o viu crescer (apenas durante os seus primeiros quatro meses) a não ser por retratos, nem o próprio filho teve vontade de a conhecer, D. Sebastião viveu numa encruzilhada de uma criança a tornar-se homem, ladeado pela sua avó, a rainha viúva de D. João III e regente, D. Catarina de Áustria e pelo seu tio-avô, o cardeal D. Henrique. Com uma educação norteada entre as diretrizes da Igreja e a paixão militar, sabia que teria de assumir o reino de Portugal, tendo como principal conselheiro o seu ego e de um grupo de amigos fiéis, que não o contrariavam nos seus desígnios, os quais foram, efetivamente, a sua família.

Os conselhos, os avisos da avó, do tio cardeal e dos seus fiéis preceptores sempre constituíram algo que pouco lhe importou e ao assumir em pleno a coroa e o cetro reais, parece tomar consciência de que tudo podia fazer e o seu poder ser absoluto.”

*Fonte: <https://barlavento.sapo.pt/opiniaao/dom-sebastiao-e-o-relacionamento-com-as-mulheres>*

### -Jogo da Glória

#### Materiais:

- 1 tabuleiro de jogo;
- 1 dado;
- 5/6 Pinos de jogo;
- Regras;

#### Regras :

Cada jogador joga uma vez e segue as indicações da casa de acordo com a cor da casa:

? - Responde às questões.

Laranja-claro- Segue as indicações abaixo.



Recua 2 casas.



Uma nova batalha avizinha-se volta para a casa de partida e reúne o teu exército.



Avança 1 casa.



Foste apanhado a roubar o rei ficas sem jogar na próxima ronda.



**Quem sucedeu a D.João III  
após a sua Morte?**

R: D.Catarina

**Em que ano começou  
D.Sebastião a governar?**

R: 1568

**Que batalha se deu a 4 de  
agosto de 1578?**

R: Batalha de Alcácer Quibir

**O que provocou o problema  
de sucessão ao trono?**

R: A perda da independência de Portugal

**Em que não se deu a batalha  
de Alcântara?**

R: 1580

**Quem ficou a governar Portugal  
após a morte do Cardeal  
D.Henrique?**

R: Filipe I

**Que revolta se deu a 1637?**

R: Revolta do Manuelino

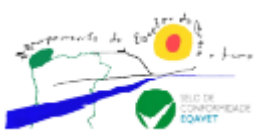

**Em que dia se deu a  
restauração da Independência?**

R: 1 de dezembro de 1640

 JOGO DA GLÓRIA  
UNIÃO IBÉRICA 

PARTIDA	1	2	?	4	5		?	
							?	
	?	14		?	11	10	9	
	16							
	18	?	20		?	23	?	FIM

## Anexo 5- Guiões trabalho de grupo

	<p>Escola Básica e Secundária de Arga e Lima</p> <p>Cidadania para o desenvolvimento</p> <p>Guião Trabalho de Pesquisa</p> <p><b>Grupo I-Pobreza a nível nacional</b></p>	
---	---	---

**Tema de trabalho:** Neste trabalho terás de realizar uma pesquisa acerca da Pobreza a nível nacional. Para te guiar neste trabalho terás várias etapas.

**Etapa 1- Para facilitar a tua pesquisa terás de visitar os seguintes sites:**

<https://www.eapn.pt/o-que-e-a-pobreza>

[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine\\_tema&xpid=INE&tema\\_cod=1110&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_tema&xpid=INE&tema_cod=1110&xlang=pt)

[https://www.cidadaniaemp Portugal.pt/wp-content/uploads/recursos/eapn/Rediteia%2048%20-%20erradicar%20a%20pobreza\\_%20compromisso%20para%20uma%20estrat%3%a9gia%20nacional.pdf](https://www.cidadaniaemp Portugal.pt/wp-content/uploads/recursos/eapn/Rediteia%2048%20-%20erradicar%20a%20pobreza_%20compromisso%20para%20uma%20estrat%3%a9gia%20nacional.pdf)

**Etapa 2- Agora, com a ajuda dos sites acima disponibilizados, responde às seguintes questões:**

- ✓ Apresenta uma definição de pobreza?
- ✓ Qual a evolução da taxa de pobreza em Portugal? (apresentando os dados estatísticos)
- ✓ Consulta o 3.º website sugerido, analisa o gráfico “Itens de privação material em Portugal” e indica os elementos que são medidos para analisar a pobreza.
- ✓ Quais as principais causas da pobreza em Portugal?

**Etapa 3- Acrescenta, através dos sites, mais informações que aches relevante para a pesquisa.**

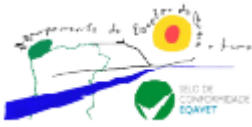
**Etapa 4-** Organiza a informação recolhida, de forma a criar um texto ou pequenas frases, que serão divididas depois por cada elemento.

Escola Básica e Secundária de Arga e Lima

Cidadania para o desenvolvimento

Guião Trabalho de Pesquisa

**Grupo II- Recolha de Exemplos**



**Tema de trabalho:** Neste trabalho terás de realizar uma pesquisa onde terás de recolher exemplos de pobreza no nosso país, podes recorrer a notícias, reportagens e sites. Para te guiar neste trabalho terás várias etapas.

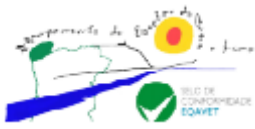
**Etapa 1- Para facilitar a tua pesquisa terás de visitar os seguintes sites como:**

- ✓ Observador;
- ✓ Diário de Notícias;
- ✓ Público;

Quando estiveres a consultar os sites, utiliza as seguintes palavras-chave: **pobreza e pobreza em Portugal.**

- ✓ Quem são as pessoas mais afetadas?
- ✓ Procura pelo menos 3 notícias, indica o título e o assunto da mesma.

**Etapa 2-** Organiza a informação recolhida, de forma a criar um texto ou pequenas frases, que serão divididas depois por cada elemento do grupo para a sua apresentação.



Escola Básica e Secundária de Arga e Lima

Cidadania para o desenvolvimento

Guião Trabalho de Pesquisa

**Grupo III- Recolha de Exemplos de consequências**



**Tema de trabalho:** Neste trabalho terás de realizar uma pesquisa onde terás de recolher exemplos de consequências da pobreza no nosso país, podes recorrer a notícias, reportagens e sites. Para te guiar neste trabalho terás várias etapas.

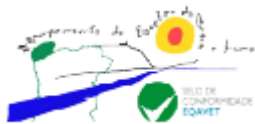
**Etapa 1- Para facilitar a tua pesquisa terás de visitar os seguintes sites como:**

- ✓ Observador;
- ✓ Diário de Notícias;
- ✓ Público;

Quando estiveres a consultar os sites, utiliza as seguintes palavras-chave: **pobreza, pobreza em Portugal e consequências da pobreza em Portugal.**

- ✓ Quais as consequências da pobreza no nosso país?
- ✓ Procura pelo menos 3 notícias, indica o título e o assunto da mesma.

**Etapa 2-** Organiza a informação recolhida, de forma a criar um texto ou pequenas frases, que serão divididas depois por cada elemento do grupo para a sua apresentação.



Escola Básica e Secundária de Arga e Lima

Cidadania para o desenvolvimento

Guião Trabalho de Pesquisa

**Grupo IV- Instituições**



**Tema de trabalho:** Neste trabalho terás de realizar uma pesquisa acerca das instituições ligadas a esta causa (a pobreza) e o que estas fazem. Para te guiar neste trabalho terás várias etapas.

**Etapa 1- Começa por pesquisar algumas as instituições tanto nacionais como internacionais:**

- ✓ Rede Europeia Anti Pobreza (<https://www.eapn.pt/>)
- ✓ Associação Nacional de combate à Pobreza (<http://ancap.org.pt/>)
- ✓ Organização das Nações Unidas (<https://unric.org/pt/>)

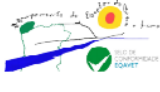

**Etapa 2- Agora, com a ajuda dos sites acima disponibilizados, responde às seguintes questões:**

- ✓ Qual a missão destas instituições? O que fazem?
- ✓ Que atores envolvem?
- ✓ Quais as campanhas da luta contra a pobreza disponíveis?
- ✓ O que é que estas instituições fazem para ajudar/melhorar as condições de vida da população?

**Etapa 3- Acrescenta, através dos sites, de outras informações recolhidas nos sites, mais dados que aches relevantes para a pesquisa.**

**Etapa 4-** Organiza a informação recolhida, de forma a criar um texto ou pequenas frases, que serão divididas depois por cada elemento do grupo para a sua apresentação.

## Anexo 6- Questionário Palestra

	<p>Escola Básica e Secundária de Arga e Lima</p> <p>Cidadania e Desenvolvimento</p> <p>Palestra Pobreza como violação dos direitos humanos</p>	
Nome: _____ N.º _____ Turma: _____		

Lê com atenção as seguintes questões sobre a palestra a que assististe na última aula.

1. Qual o nome da palestrante?

\_\_\_\_\_

2. A palestrante começou por mostrar um Cartoon. O que é que este representava?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Em que ano a palestrante começou a envolver-se nestes tipos de projetos de voluntariado? (assinala com um x a afirmação verdadeira)

a) 2015, quando entrou para Amnistia Internacional. \_\_\_\_\_

b) 2008, quando entra no programa de voluntariado e vai para a Guiné-Bissau. \_\_\_\_\_

c) 2008, quando vai para Cabo Verde. \_\_\_\_\_

4. Durante a palestra, a oradora referiu que em 2010 pertenceu ao “Programa de mobilidade em espaço lusófono” com a cooperação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Qual era o objetivo deste programa? (assinala com um x a afirmação verdadeira)

a) Proporcionar experiências de voluntariado e de estágios a estudantes do IPVC em Cabo Verde e Guiné-Bissau e proporcionar estágios a estudantes de Cabo Verde no IPVC. \_\_\_\_\_

b) Acolher imigrantes. \_\_\_\_\_

c) Lutar pelos direitos humanos através da realização de petições. \_\_\_\_\_

5. Como eram as condições que a mesma tinha quando vivia na Guiné-Bissau? (assinala com um X a afirmação verdadeira)

a) Muito boas, tinha uma casa com água potável e eletricidade. \_\_\_\_\_

b) Razoável, tinha água potável porem não tinha eletricidade. \_\_\_\_\_

c) Só tinha água e eletricidade a uma certa hora do dia. \_\_\_\_\_